



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

VINCULAÇÃO, ALTERAÇÕES FISIOLÓGICAS E RELAÇÕES DE CARIZ ÍNTIMO NA IDADE ADULTA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Maria Miguel Gomes Rodrigues

Porto, fevereiro de 2019



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

VINCULAÇÃO, ALTERAÇÕES FISIOLÓGICAS E RELAÇÕES DE CARIZ ÍNTIMO NA IDADE ADULTA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Maria Miguel Gomes Rodrigues

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Vânia Sousa Lima

Porto, fevereiro de 2019

Ao meu Avô

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por tudo. Por me terem dado asas e ensinado a voar, sem nunca deixarem de ser o meu ninho. Por serem a minha base segura. Por serem o meu amparo nos momentos de desespero, que tantos foram durante estes anos. Por me obrigarem a lutar pelos meus sonhos e nunca me deixarem desistir. Por estarem incondicionalmente presentes, de corpo e alma, em todos os momentos da minha vida. Por me proporcionarem o melhor e por serem o melhor da minha vida. Mas, principalmente, por serem quem são, e deixarem-me ser “eu”. A vocês, obrigada é pouco.

À Nocas, por ser o meu tipo de pessoa preferido e por me ensinar todos os dias o significado de “irmã”. Por teres sido as gargalhadas que me fizeram sorrir nos dias mais difíceis, por todas as vezes que me “preparaste para o mundo” e por me teres ensinado tanto o que era “força” ao longo destes anos. A ti, que me surpreendes e inspiras todos os dias: a mana adora-te.

Ao meu avô, por ser a minha certeza. A certeza de que nada é em vão e que juntos alcançamos tudo o que quisermos. A certeza de que tenho sempre alguém a dar-me a mão. A certeza de um amor que não cabe no peito. Este trabalho é para ti avô, com todo o orgulho do mundo.

À Prof.^a Vânia, por ser o exemplo de uma excelente profissional e pessoa. Por todas as vezes que abdicou de compromissos pessoais por este trabalho, por todos os ensinamentos e momentos de descontração que me proporcionou. Por ter sido uma “base segura” neste duro percurso, e por nunca ter desistido de mim. Obrigada pela compreensão nos momentos mais difíceis, nos quais acabei por baixar os braços. Sem si, nada disto teria sido possível. Um obrigada do fundo do coração.

Ao casal participante, por toda a paciência e por terem sido sempre tão acessíveis e carinhosos. Este trabalho também foi graças a vocês.

Aos meus amores de estudante, Pepi, Sofia, Carla, Tiago, Marta, Filipa e Tico, por me terem proporcionado os melhores momentos destes que foram os melhores 5 anos até agora, por me darem a mão e por me terem ensinado o significado de “segunda família”. Que o futuro nos reserve uma panóplia de momentos, aventuras e conquistas, e que continuemos a desenhar os nossos caminhos em conjunto, lado a lado para a vida toda. Somos fantásticos juntos!

À Raquel e à Mafalda, pela vossa genuinidade e amizade, por serem as palavras certas nos momentos certos, por todas as horas que passámos juntas a lutar pelo nosso futuro, e por nessas horas terem sido a companhia indispensável.

Às minhas afilhadas, por me fazerem sentir o bom que é deixar uma marca em alguém, mesmo que seja pequenina. Um especial obrigada à Niki, por se ter tornado numa das melhores pessoas que esta faculdade me deu, e por me acompanhar e partilhar comigo todos os momentos.

À Marta, porque mesmo a km de distância, será sempre a minha metade, a minha “casa” nesta nova cidade, e a voz da razão.

À Filipa e à Inês pela amizade incondicional, por nunca me terem abandonado, pela partilha de inseguranças e de expectativas e por terem sido a minha força ao longo destes dois anos de mestrado. Obrigada por terem sido as melhores companheiras que podia ter, e obrigada por esta certeza que me dão, de vos levar comigo para a vida. “O que 2013 uniu, ninguém separa”.

Ao José, por todos os momentos e mais alguns, por todos os amparos e conquistas que passamos juntos. A ti, que és a personificação do que “amizade” significa. A ti, um obrigada não chega.

Ao Guerra, por ter sido o meu cérebro racional nesta reta final e por termos conquistado juntos os nossos projetos de curso. Obrigada a ti, que vale(s) um irmão.

À minha família, e aos que são como família, obrigada por nunca me falharem.

Por último, (e nada menos importante) ao Duarte, por ter sido a motivação que faltava neste esforço final, por ter sido o meu porto seguro sempre as dúvidas me abalavam. Obrigada por me mostrares o significado de “somos um”.

RESUMO

As relações íntimas na idade adulta, aos olhos da Teoria da Vinculação, têm vindo a ser alvo de diversos estudos e de crescentes desenvolvimentos, à luz daqueles que são os pressupostos metodológicos e conceptuais. A TV proposta por Bowlby (1973), alicerçada no construto de modelos internos dinâmicos (MID), parece ser um bom ponto de partida para a exploração da relação entre a vinculação na infância e relações íntimas na idade adulta.

Tendo como objetivo geral a compreensão da relação entre a organização da vinculação, a representação da relação íntima e a resposta fisiológica individual num momento de interação diádica, este estudo apresenta um carácter inovador, na medida em que permite associar a variação da resposta cardíaca ao momento de interação diádica, aquando a administração da *Couple Interaction Task* (CIT).

Os participantes deste estudo foram um casal heterossexual, com 25 e 31 anos de idade, ao qual foram administrados, individualmente, e gravados em registo áudio, as entrevistas *Adult Attachment Interview* (AAI) e *Intimate Relationship Interview* (IRI), seguidos da CIT, realizada em casal, simultaneamente à medição da frequência cardíaca através do *Biopac BioNomadix*.

Os resultados obtidos vão de encontro aos encontrados na literatura, evidenciando que a organização da vinculação se associa à representação da relação íntima – onde é visível a continuidade do padrão de vinculação –, assim como a qualidade da interação diádica. Relativamente à frequência cardíaca verificou-se que o elemento seguro apresenta um padrão de maior variância cardíaca e maior responsividade, ao contrário do elemento caracterizado como desligado, que apresenta um padrão de responsividade cardíaca neutro.

Palavras-chave: Vinculação; Relações Íntimas na Idade Adulta; Interação Diádica; Frequência Cardíaca.

ABSTRACT

Intimate relationships in adulthood, in the eyes of the attachment theory, have been the target of several studies and growing developments, in the light of those that are the methodological and conceptual assumptions. Attachment theory proposed by Bowlby (1973), based on the construct of dynamic internal models (MID), seems to be a good starting point for exploring the relationship between childhood's attachment and intimate relationships in adulthood.

With the general objective of understanding the relationship between the organization of attachment, the representation of the intimate relationship and the individual physiological response at a time of dyadic interaction, this study presents an innovative character, as it allows associate the variation of the cardiac response to the moment of dyadic interaction when administering the Couple Interaction Task (CIT).

The participants of this study were a heterosexual couple, with 25 and 31 years old, who were individually administered and recorded in audio recording, the instruments Adult Attachment Interview (AAI) and Intimate Relationship Interview (IRI), followed by CIT, administered as a couple, simultaneously to the measurement of heart rate through the Bionomadix Biopac.

The results obtained go against those found in the literature, evidencing that the attachment organization influences the representation of the intimate relationship – where the continuity of the attachment pattern is visible – as well as the quality of the dyadic interaction. Regarding the heart rate, it was found that the *secure* element presents a pattern of higher cardiac variance and greater responsiveness, as opposed to the element characterized as *dismissing*, which presents a pattern of neutral cardiac responsiveness.

Key-words: Attachment; Intimate Relationships in Adulthood; Dyadic Interaction; Heart Rate

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE	vi
LISTA DE SIGLAS	viii
ÍNDICE DE TABELAS	ix
ÍNDICE DE ANEXOS	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. TEORIA DA VINCULAÇÃO: CONCEITOS, ORIGEM E EVOLUÇÃO	3
2. RELAÇÕES DE VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA	7
2.1. VINCULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO ADULTO	7
2.2. AVALIAÇÃO DA VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA	9
3. VINCULAÇÃO E RELAÇÕES ÍNTIMAS NA IDADE ADULTA	11
4. FREQUÊNCIA CARDÍACA EM CONTEXTOS DE RELAÇÃO ÍNTIMA	14
CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO	18
1. METODOLOGIA	18
2. PARTICIPANTES	19
3. INSTRUMENTOS	19
4. PROCEDIMENTOS	25
4.1. RECOLHA DE DADOS	25
4.2. ANÁLISE DE DADOS	27

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	28
1. ADULT ATTACHMENT INTERVIEW AAI	28
2. INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW IRI	28
3. COUPLE INTERACTION TASK CIT	31
4. AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA	33
5. SÍNTESE DE RESULTADOS	36
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÕES FINAIS	37
1. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	37
2. LIMITAÇÕES E PROPOSTAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	I
ANEXO 1	II
ANEXO 2	IV
ANEXO 3	VII
ANEXO 4.	XI
ANEXO 5.	XIV

LISTA DE SIGLAS

TV – Teoria da Vinculação

AAI – *Adult Attachment Interview*

CIT – *Couple Interaction Task*

IRI – *Intimate Relationship Interview*

MID – Modelos Internos Dinâmicos

FC – Frequência Cardíaca

BPM – Batimentos por minuto

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Resultados da *Intimate Relationship Interview*

Tabela 2. Resultados da *Couple Interaction Task*

Tabela 3. Resultados da frequência cardíaca durante cada momento de interação da *CIT*, por elemento da díade

Tabela 4. Síntese de Resultados

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Consentimento Informado

Anexo 2. Ficha de Identificação e Caracterização do Casal

Anexo 3. *IRI*: Escalas – Exemplos de Discurso – Elemento Feminino e Masculino

Anexo 4. *CIT*: Escalas – Descrição e Categorização

Anexo 5. Frequência Cardíaca: Gráficos – Variância de FC entre elementos da díade e variância de FC face à *baseline*

INTRODUÇÃO

Partindo da Teoria da Vinculação (TV) proposta por Bowlby, e da premissa de que as relações de vinculação na infância influenciam a capacidade ulterior de construir relações, é possível assumir que esta é uma teoria de ciclo de vida, encetando nas experiências clínicas de John Bowlby, passando pelos trabalhos de índole observacional em terreno empírico de Mary Ainsworth, tanto naturalista como laboratorial – onde nasce a primeira categorização de padrões de vinculação –, assim como os seus estudos transculturais e longitudinais.

Apesar dos primórdios da TV estarem associados a estudos com díades figura de vinculação-bebé, existe uma transposição e evolução desta para a idade adulta, ancorando-se conceptualmente no construto Bowlbiano de Modelos Internos Dinâmicos (MID), e empiricamente na construção da entrevista *Adult Attachment Interview*, por Main, Kaplan e George (1982), permitindo esta a classificação dos indivíduos adultos quanto à organização da vinculação (i.e. seguros, desligados ou preocupados) (Roisman, Tsai & Chiang, 2004). Este interesse e enfoque na idade adulta é impulsionado com os trabalhos de Hazan e Shaver (1987), os quais defendem um paralelismo entre a vinculação na infância e a vinculação no seio de relações de cariz amoroso, no que concerne ao eixo dos cuidados e à definição de base segura, encetando assim o estudo das relações íntimas na idade adulta. Esta passagem de foco observacional (infância) para representacional (idade adulta), retorna ao início, novamente ao estudo observacional, mas desta vez focalizado na interação diádica de casal.

O crescente interesse em levar a TV a outras áreas, levou à inserção de variáveis de estudo como sinais fisiológicos, mais concretamente frequência cardíaca (e.g. Sroufe & Waters, 1977; Soares et al., 1996; Roisman, Tsai & Chiang, 2004; Roisman, 2007), condutância da pele (e.g. Dozier & Kobak, 1992; Roisman et al., 2004; Holland & Roisman, 2010) e expressões emocionais (e.g. Bowlby, 1969/ 1982; Bretherton, 1985). Apesar disto, ainda são poucos os estudos que relacionam a variável frequência cardíaca com padrões de vinculação e com o comportamento diádico entre casal, e é deste modo que este estudo permitirá contribuir para esta limitação.

O trabalho aqui apresentado vai na senda do trabalho realizado por Lima (2009), inserindo-se num estudo de maiores dimensões, e apresenta-se como inovador propondo analisar a variável de frequência cardíaca aquando um momento de interação diádica, fazendo

também uma associação à organização da vinculação e ao comportamento diádico no contexto de relações íntimas de cariz amoroso. Neste sentido, a presente dissertação encontra-se organizada do seguinte modo: o **Capítulo I: Enquadramento Teórico**, enceta com uma breve revisão da literatura sobre a TV, onde são apresentados os postulados teóricos e estudos desenvolvidos por Bowlby e Ainsworth, assim como contribuições empíricas derivadas de outros autores. Seguidamente, o foco incide nas relações de vinculação na idade adulta, dando especial atenção ao construto de modelos internos dinâmicos (MID) e evidenciando a *Adult Attachment Interview* (AAI – George, Kaplan & Main, 1985); no final deste ponto é abordada a avaliação da vinculação na idade adulta, onde é apresentada a AAI mais detalhadamente, assim como estudos empíricos relativos à mesma. Posteriormente, apresenta-se o tema das relações de vinculação de cariz amoroso, tendo como foco os elementos nucleares das mesmas – intimidade, base segura, sexualidade – e alguns estudos empíricos. No final deste capítulo, é apresentada uma breve revisão da literatura referente à frequência cardíaca, sendo ainda escassos os estudos que relacionem esta variável à vinculação. O **Capítulo II: Estudo Empírico** apresenta detalhadamente o presente estudo, iniciando com a definição dos objetivos, caracterização dos participantes, apresentação dos instrumentos administrados e procedimentos de recolha e análise dos dados, sendo que os principais resultados deste estudo são apresentados no **Capítulo III**. Por fim, no **Capítulo IV: Discussão de Resultados e Limitações** são discutidos os principais resultados deste estudo à luz da TV e das relações íntimas na idade adulta, assim como analisadas as principais limitações encontradas.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. TEORIA DA VINCULAÇÃO: CONCEITOS, ORIGEM E EVOLUÇÃO

De modo a ser possível uma melhor compreensão deste estudo, torna-se útil a apresentação de alguns conceitos basilares, sendo eles *vinculação*, *relação de vinculação*, *sistema comportamental de vinculação* e *modelos internos dinâmicos*.

VINCULAÇÃO

Segundo Bowlby (1982) o conceito de vinculação pode ser definido como uma ligação íntima e afetiva, que se prolonga ao longo do tempo, e na qual existe uma dependência mútua entre a figura de vinculação e a figura vinculada. Mais tarde, Ainsworth (1985) debruçou-se sobre este conceito, atribuindo alguns critérios específicos tais como o 1) caráter persistente e não transitório, 2) a existência de uma figura específica, 3) a natureza emocional, 4) o desejo por parte do indivíduo de manter o contacto com a figura de vinculação, 5) desencadeando agitação aquando um momento de separação. Não obstante a todos estes critérios, a procura de segurança e conforto na relação com a figura de vinculação, torna-se determinante na definição deste conceito (Cassidy, 1999).

SISTEMA COMPORTAMENTAL DE VINCULAÇÃO

O sistema comportamental de vinculação engloba um conjunto de respostas instintivas ou padrões de comportamentos, face a estímulos externos ou internos, orientados para um dado objetivo, os quais permitem a manutenção de proximidade e de proteção em relações afetivas, começando desde cedo na relação entre a criança e a figura de vinculação. Este sistema não engloba apenas comportamentos, mas também componentes de cariz emocional e cognitivo (Soares, 2009). De um modo global, podemos afirmar que a principal responsabilidade do sistema comportamental de vinculação é a de assegurar a proteção da espécie.

RELAÇÃO DE VINCULAÇÃO

Segundo Holmes (1993), uma relação de vinculação diferencia-se das restantes relações com base em quatro pontos-chave: 1) a necessidade e, subjacentemente, a procura de proximidade face à figura de vinculação; 2) a noção de “base segura” associada à figura de vinculação, a qual se assume como tal ao responder e satisfazer as necessidades do outro fazendo-o sentir-se seguro, assim como o 3) assumir-se como um “refugio seguro”, onde após

a exploração do mundo, e perante situações ameaçadoras, o outro possa recorrer à figura de vinculação como um refúgio e, por fim, 4) o desenvolvimento de reações marcadas aquando situações de separação involuntária da figura de vinculação.

MODELOS INTERNOS DINÂMICOS

O conceito de *modelo interno dinâmico* surgiu inicialmente com a premissa de que os bebés vão construindo progressivamente um conjunto de conhecimentos e expectativas, através das interações com a figura prestadora de cuidados (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007). Estes modelos internos são designados como sendo representações/ esquemas mentais sobre as figuras de vinculação, sobre o *self* e sobre as relações, desenvolvidos através de experiências repetidas com a figura de vinculação (Bowlby, 1982), os quais permitem ao sujeito uma interpretação do mundo, e funcionam como guias para as relações interpessoais (e.g. relações de cariz amoroso).

Compreendidos os conceitos nucleares da TV, postulada por Bowlby, esta viabilizou inúmeros estudos, tanto naturalistas como laboratoriais, cujos resultados se assumiram como sendo um suporte à teoria inicial. Um dos maiores propósitos da investigação de Bowlby consistia em perceber e descrever o modo como as crianças se tornavam “emocionalmente vinculadas” às figuras de vinculação primárias, assim como os efeitos da privação de cuidados aquando a separação das mesmas (Hazan & Shaver, 1987; Soares, 2009).

O início do estudo da TV é pautado pelas obras de Bowlby, de cariz clínico, incidentes nos efeitos da privação de cuidados, por parte da mãe, no desenvolvimento de uma relação de vinculação. Num contexto hospitalar, e juntamente com a sua equipa, Bowlby (1952) procurou perceber os efeitos que a separação dos pais, aquando o internamento e no regresso a casa, e documentou uma série de comportamentos por parte das crianças, que poderiam ser divididos em *protesto*, *desespero* e *desvinculação* (Soares, 2009). Estudos com macacos, conduzidos por Harlow (1958), indicavam que as crias preferiam a proximidade a uma “mãe” de pano, face a uma mãe lactante de arame (Bowlby, 1958). Estes resultados levaram à conceção da figura de vinculação com um cariz relacional, pelo facto de se constituir como uma base segura para a cria de macaco, e também como um refúgio seguro (Blum, 2002; Lima, 2009). Outros estudos que vão de encontro a estes resultados são os de Lorenz (1935) e de Tinbergen (1951), reforçando a evidência da importância da proximidade e do conforto na figura de vinculação, no estabelecimento de laços afetivos (Bowlby, 1958). Através destes estudos, Bowlby começa

a questionar alguns dos princípios da Psicanálise, na qual anteriormente se baseava, e começam a emergir contributos de modelos explicativos como a etologia, biologia evolutiva, psicologia do desenvolvimento, entre outros (Lima, 2009; Silva, 2014). É através da biologia evolutiva que nasce um dos construtos elementares da TV – *sistema comportamental*. Este sistema, considerado flexível, envolve um conjunto de comportamentos que são direcionados para a obtenção de um dado objetivo adaptativo, e que se vão complexificando (Bowlby 1982; Cassidy 1999).

No seguimento das contribuições de Bowlby, em meados da década de 70, Ainsworth começa uma nova fase de estudos centrados na observação de mães com os seus bebés, inicialmente em contexto naturalista e, posteriormente, laboratorial, originando assim o início da avaliação da vinculação na primeira infância. Esta segunda fase da TV faz nascer o interesse pela abordagem transcultural, pela observação em contexto natural e pelo método longitudinal (Soares 2009). Em 1967, Mary Ainsworth encetou aquele que seria o primeiro estudo observacional do desenvolvimento da relação de vinculação entre mãe e bebé, deslocando-se a uma aldeia no Uganda. O seu estudo consistiu na observação de 28 díades mãe-bebé, durante sete meses, obtendo resultados interessantes no comportamento do bebé, à luz da TV – a conceção da mãe como base segura, o *stress* observado aquando a separação e o medo no encontro com estranhos (Bretherton, 1992; Soares, Martins & Tereno, 2009). Mais tarde, em meados de 1977, Ainsworth procedeu ao desenvolvimento de um estudo longitudinal, novamente com o objetivo de perceber o desenvolvimento da vinculação no primeiro ano de vida. Realizado em Baltimore (EUA), contou com a participação de 26 díades mãe-bebé, observadas em sua casa num contexto naturalista, entre os 3 e os 54 meses do bebé. É inserido neste estudo longitudinal e transcultural, que nasce o procedimento laboratorial estandardizado, denominado por *Situação Estranha* (Ainsworth, 1978), que permitiu estudar mais aprofundadamente as diferenças individuais nas respostas dos bebés, face à separação da mãe. Este procedimento permite observar a ativação do sistema comportamental de vinculação, através da apresentação estandardizada de uma sequência de episódios, próximos daquilo que é o quotidiano dos bebés, que permitem a ativação/ intensificação o sistema comportamental de vinculação (Lima 2009; Soares et al., 2009). É a partir da *Situação Estranha* que surge o primeiro sistema de classificação de vinculação, em função de padrões de comportamento – padrão **seguro** (padrão B), padrão **inseguro-evitante** (padrão A) e padrão **inseguro ambivalente-resistente** (padrão C).

Os padrões inseguros são caracterizados por situações de rejeição por parte das figuras de vinculação, refletindo ausência de previsibilidade e disponibilidade, resultado em *distress*

no bebê aquando a procura de cuidados por parte do mesmo (Crowell & Treboux, 1995). No **padrão A** – inseguro-evitante – ocorre um evitamento da figura de vinculação, por parte do bebê, aquando situações de encontro. Este padrão é principalmente caracterizado pela sobreposição do comportamento exploratório, ao comportamento de vinculação. O **padrão C** – inseguro ambivalente-resistente – caracteriza-se pela existência, tanto de resistência ativa ao contacto, como de procura pela figura de vinculação, o que impede a exploração do meio por parte do bebê. Neste padrão, o comportamento de vinculação impõe-se ao de exploração, existindo uma tonalidade negativa dirigida à figura de vinculação, onde o bebê experiencia sintomas de raiva e irritabilidade (Amorim, 2013). O **padrão B** (seguro) caracteriza-se pela acessibilidade, prestação de cuidados, sentimento de segurança e satisfação das necessidades do bebê. Neste padrão, existe um pleno equilíbrio entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração (Lima, 2009). A figura de vinculação proporciona proteção, segurança e previsibilidade ao bebê, o que leva a uma maior exploração do meio na sua presença, e uma redução da exploração aquando a ausência da figura de vinculação. Deste modo, torna-se possível afirmar que a figura de vinculação constitui-se como base segura para o bebê (Ainsworth, 1978).

Na sequência dos estudos de vinculação centrados nas crianças, começa a surgir uma nova fase, onde o foco de estudo começa a alargar-se para os adultos. É em meados dos anos 80 que o objetivo de estudo deixa de estar centrado no domínio comportamental, passando para o domínio representacional, através da reconceptualização da vinculação à luz do construto dos modelos internos dinâmicos, e da avaliação da mesma com base na linguagem (Soares, 2002). Enceta, assim, a construção de diferentes medidas de avaliação da vinculação na idade adulta, entre elas a *Adult Attachment Interview*, desenvolvida por George, Kaplan e Main (1984), com objetivo de explorar, empiricamente, a transmissão intergeracional da vinculação, comparando os padrões de vinculação na infância, com os análogos na idade adulta, obtidos através da entrevista (Soares, 2009). Nesta linha de compreensão da vinculação na idade adulta, e de que modo as relações de vinculação na infância poderão influir sobre as relações enquanto adulto, a compreensão dos MID tornou-se fundamental, sendo considerados “organizadores” mentais da experiência, permitindo a compreensão dos efeitos a longo prazo das experiências precoces, no desenvolvimento da pessoa (Waters & Waters, 2006). Estes modelos são considerados construtos cognitivo-comportamentais, que se vão desenvolvendo no seio das interações com a figura de vinculação, funcionando como guias de interpretação da representação do *self*, da figura de vinculação e das relações (Bowlby, 1980). Considerando que os MID fazem esta leitura tridimensional, é possível considerar que a organização da vinculação na idade adulta

será o reflexo, ainda que não literal, da história de vinculação do indivíduo (Fraley & Shaver, 2000; Malekpour, 2007), significando isto que o indivíduo terá uma tendência para cristalizar as experiências precoces, e conseqüentemente influenciar o seu comportamento e representação de vinculação futuros. Não obstante, estes esquemas mentais vão permitir a previsibilidade de relações futuras com companheiros, sem que exista a necessidade do indivíduo repensar sempre que exista uma nova figura de vinculação na sua vida, incluindo-a num modelo de vinculação preexistente, ainda que não adequado (Mikulincer & Shaver, 2007).

2. RELAÇÕES DE VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA

2.1. VINCULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO ADULTO

Conforme referido anteriormente, o avanço do estudo da vinculação para a idade adulta, com inícios na década de 80 (Soares, 2009), suporta-se, do ponto de vista conceptual, na mudança de foco do domínio comportamental para a esfera *representacional* (Main, Kaplan & Cassidy, 1985), avançando para a organização discursiva e narrativa da vinculação e, do ponto de vista metodológico, na construção da *Adult Attachment Interview* (AAI; George, Kaplan & Main, 1984), avaliando as diferenças individuais ao nível da organização e representação da vinculação. Estas mudanças conceptuais inserem-se no pressuposto de que a TV é uma teoria desenvolvimental de ciclo de vida (Sroufe, Egeland & Collins, 2005; Crowell, Fraley & Shaver, 1999) e que acompanha o ser humano em toda a sua trajetória (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2009)

De modo a ser possível perceber a pertinência da teoria de vinculação na idade adulta, é necessária a consideração das tarefas inerentes a este período. Assim, como exemplos de eventos específicos à idade adulta compreendem-se o fim da escolaridade, a possível separação das figuras de vinculação prévias e o início da atividade profissional que, deste modo, levará à independência financeira, casamento e parentalidade (Schaie & Willis, 2002; Cavanhaug & Blanchard-Fields, 2005). Paralelamente a estas, a intimidade e a autonomia constituem-se como tarefas basilares no desenvolvimento do indivíduo adulto, e no assumir de novas tarefas desenvolvimentais, como o compromisso e envolvimento ativo no contexto de relações íntimas (e.g. amorosas ou de amizade) (Faria et al, 2009).

Retrocedendo na linha cronológica, é a partir da premissa de que a criança vai construindo, gradualmente, um conjunto de conhecimentos e expectativas através da relação

com a figura de vinculação, quer sobre o modo como esta atua e responde às suas necessidades (ao nível da sua capacidade de responsividade e acessibilidade), quer sobre o *self* (ao nível do seu valor próprio e da capacidade de influir sobre os outros), que nasce o conceito de modelos internos dinâmicos (MID) (Soares, 2009). Estas experiências precoces, estabelecidas através de repetidas interações com a figura de vinculação, vão permitir à criança construir representações generalizadas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações (Bowlby, 1969/1982). Constituindo-se como construtos sócio-cognitivo-emocionais, vão funcionar como matrizes de leitura e interpretação de experiências futuras (Lima, 2009), como as relações de cariz amoroso, e também como guias para o comportamento, quer no contexto intrapessoal, como interpessoal. Segundo Collins, Ford, Guichard e Allard (2006), quando um indivíduo inicia uma nova relação, este já acarreta consigo uma história de experiências interpessoais e um conjunto de memórias, crenças e expectativas que vão modelar a forma como este se vai sentir, pensar e agir num contexto do relacionamento. É então que, com base na célebre expressão “*from the cradle to the grave*” postulada por Bowlby (1979), Hazan e Shaver (1987) começam a questionar a semelhança entre os laços emocionais criados na infância, entre a criança e a figura de vinculação, e os laços existentes entre parceiros românticos, e outras figuras, ao longo de toda a vida. Deste modo, foi possível perceber que as relações românticas na idade adulta, similarmente às na infância, possuem um carácter vincutivo, proporcionando a continuidade da existência de uma base segura, a manutenção dos sistemas de vinculação e de exploração, assim como o desenvolvimento psicológico e emocional (Shaver & Mikulincer, 2014).

Ao nível das semelhanças e disparidades entre as relações de vinculação precoces e as relações na idade adulta, é possível conceber alguns comentários. Contrastando com a complementaridade e diferenciação de papéis que caracterizam a procura e prestação de cuidados na infância, as relações de vinculação na idade adulta são conhecidas pela simetria e reciprocidade na procura e prestação de segurança e conforto (Crowell & Treboux, 2001). Se na infância, somente às figuras de vinculação cabia o papel de assegurar comodidade e segurança à criança, concebendo uma orientação vertical à relação, na idade adulta é expectável um balanceamento entre a prestação e procura de cuidados, e o recorrer ao outro como base segura e assumir-se continuamente como tal, conferindo um carácter horizontal à relação (Crowell & Treboux, 2001). Neste sentido, torna-se necessária a expansão do sistema comportamental do indivíduo, integrando assim dois novos sistemas aos já existentes desde a infância (i.e. sistema de vinculação e de exploração): sistema sexual e sistema de prestação de cuidados (Lima, 2009; Waters & Cummings, 2000). O aparecimento do sistema sexual vai

permitir ao adulto a manutenção da proximidade com o parceiro no seio de relações íntimas, assim como uma maior percepção de pertença, partilha e intimidade, sendo estes conceitos fulcrais nas relações íntimas na idade adulta (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2009), como iremos ver mais à frente.

A reconceptualização da vinculação à luz dos MID (Main, Kaplan & Cassidy, 1985), e a avaliação da mesma no que concerne à organização do discurso e das narrativas, através da construção da AAI (George, Kaplan & Main, 1984) foram dois pontos de viragem no estudo da vinculação e serão aprofundados de seguida.

2.2. AVALIAÇÃO DA VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA

A partir da década de 80 surge então uma nova conceptualização da vinculação, resultando numa mudança metodológica que enfatiza a dimensão representacional. Enquanto que na infância, a avaliação da organização da vinculação tem como foco principal padrões comportamentais, como é exemplo a *Situação Estranha* (Ainsworth), na idade adulta, e dada a complexidade do seu desenvolvimento, o foco é conduzido para a atual organização representacional da vinculação, indo para além da observação do comportamento.

Este interesse pela avaliação da vinculação na idade adulta, fez surgir duas escolas conceptuais diferentes: a que defende uma perspetiva social da vinculação, e a que defende uma perspetiva desenvolvimental (Faria et al., 2009). A primeira perspetiva, baseada na vertente social e de personalidade, pretende aceder ao modo como a TV pode justificar as relações interpessoais e os processos de personalidade, recorrendo a medidas de avaliação baseadas no autorrelato. Aqui, podemos dar especial relevância aos autores Hazan e Shaver (1987) por terem sido os primeiros a desenvolver uma medida de autorrelato que permite medir o estilo de vinculação no contexto de uma relação romântica (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Por outro lado, a perspetiva desenvolvimental atribui uma maior importância às experiências precoces de vinculação e à sua influência na trajetória desenvolvimental do indivíduo, utilizando medidas de avaliação de cariz representacional. É inserida nesta perspetiva, e alicerçada ao enquadramento conceptual dos MID, que George, Kaplan e Main (1984) constroem a *Adult Attachment Interview* – AAI.

A AAI é uma entrevista semiestruturada de natureza biográfica, e do tipo clínico, que permite avaliar as diferenças individuais na representação da vinculação, desde a representação da vinculação na infância e de que modo esta teve efeitos no desenvolvimento do indivíduo,

até à representação atual do indivíduo relativamente à vinculação *per se* (Lima, 2009; Fortuna, Holland, Roisman, Haydon & Groh, 2011). Atendendo ao foco na linguagem e no pensamento como variáveis de estudo no processo de avaliação desta entrevista, é possível atender ao modo como o sujeito organiza o conhecimento relativo ao *self*, à figura de vinculação e à relação com a mesma. Ou seja, permite avaliar a segurança do modelo interno dinâmico da vinculação de um modo global, e não específico de uma relação em particular (Soares, 2009).

A AAI, de modo transversal, apela a um balanceamento entre um vetor semântico e um vetor episódico, através da solicitação ao indivíduo para que evoque e integre acontecimentos da sua infância potencialmente marcantes e ativadores do sistema de vinculação, sendo este o principal desafio da entrevista (Hesse, 1996). Relativamente à classificação, e semelhantemente ao que acontecia na *Situação Estranha*, esta entrevista permite classificar os indivíduos como seguros/ autônomos, desligados (análogo ao padrão inseguro-evitante na infância) ou preocupados (análogo ao padrão inseguro resistente-ambivalente na infância), assim como permite a identificação das estratégias de vinculação utilizadas (desativação vs hiperativação / segurança vs insegurança). Para além destas classificações, as entrevistas podem ainda ser classificadas como não-resolvidas (*unresolved*) em casos de perda ou trauma, ou como *cannot classify*, quando não existe coerência no discurso e na presença de níveis elevados de variância entre um discurso preocupado e desligado (Haydon, Collins, Salvatore, Simpson & Roisman, 2012).

Indivíduos classificados como *autônomos/ seguros* são capazes de descrever várias experiências na infância, valorizam as relações de vinculação e afirmam que estas tiveram impacto no seu desenvolvimento, independentemente do seu carácter. As descrições são apresentadas através de memórias convincentes e o discurso apresenta-se como sendo coerente ao longo da entrevista. Os indivíduos classificados segundo esta categoria demonstram um à-vontade e flexibilidade para refletir sobre a vinculação, integrando relações e experiências positivas e negativas, não menosprezando estas últimas. A categoria “*desligado*” é caracterizada pela rejeição ou desvalorização das relações, resultante da desativação do sistema de vinculação (Bowlby, 1980). Indivíduos classificados como desligados caracterizam-se como sendo incapazes de ilustrar com episódios específicos as apreciações que fazem, e tendem a idealizar ou desvalorizar as figuras de vinculação e as relações que com elas constroem. O discurso é inconsistente e contraditório, e não sustentando com exemplos, acabando as respostas por serem superficiais e, por vezes, não relacionadas com a pergunta. Uma característica destes sujeitos é o assumirem-se como independentes, fortes e recorrem muito à normalização de acontecimentos e de sentimentos. Na organização “*preocupada*”, inserem-se

os indivíduos que apresentam uma grande ativação relativamente às experiências de vinculação, apresentando níveis de confusão e preocupação. As entrevistas destes indivíduos são comumente extensas e subjetivas, espelhando a incapacidade de concentração. Estes indivíduos apresentam dificuldade em desenvolver a sua identidade pessoal, assim como relações atuais com as figuras de vinculação pautadas por raiva ou desinteresse (Soares, 2009; Lima 2009).

O processo de cotação da AII, segundo Main e Goldwyn (1984), consiste na avaliação de três principais eixos: a linguagem utilizada pelo indivíduo, a qualidade da descrição das experiências na infância e a capacidade de construir uma narrativa coerente, credível e fundamentada das experiências e do seu significado (Crowell & Treboux, 1995; Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2009). A partir deste sistema de cotação, foram desenvolvidos os sistemas de cotação de Regensburg e o *Attachment Q-sort* (Kobak, 1993). Este último atribui especial ênfase à relação entre a regulação do afeto e a organização da vinculação, através da análise ao recurso, por parte do sujeito, a estratégias emocionais minimizadoras *versus* maximizadoras.

Um estudo de cariz longitudinal, sobre a estabilidade da vinculação, levado a cabo por Crowell e Waters (2005), envolveu a administração da AAI a uma amostra de 50 indivíduos, que na sua infância haviam sido avaliados através da Situação Estranha. Em 64% dos indivíduos verificou-se a estabilidade do padrão de vinculação, sendo visível um aumento para 72% quando os padrões inseguros não eram diferenciados. Os resultados de uma meta-análise, baseados no sistema de Main e Goldwyn, com uma amostra não-clínica, permitiu identificar a distribuição das principais classificações de vinculação da AAI. Os resultados apontam para uma maioria classificada como “segura” (58%), seguindo-se da classificação “desligada” (24%) e, por fim, “preocupada” (18%) (van Ijzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). Deste modo, torna-se possível afirmar que a AAI tem apresentado valores aceitáveis ao nível da fidelidade e validade de resultados (Soares, 2009; Crowell, Treboux & Waters, 2002).

3. VINCULAÇÃO E RELAÇÕES ÍNTIMAS NA IDADE ADULTA

Como referido anteriormente, a extensão do estudo da vinculação na idade adulta, suporta-se, não só, mas também, na mudança de foco para uma abordagem representacional (Lima, 2009). Não obstante, importa voltar novamente à dimensão comportamental que se

relaciona estritamente com as relações íntimas nesta fase de desenvolvimento, no que concerne à interação diádica dentro do casal.

Segundo Bowlby, é através das relações estabelecidas na infância que se começa a perceber o estabelecimento de relações íntimas na idade adulta, através da designada hipótese protótipo (Crowell & Waters, 2005). Segundo esta hipótese, as relações precocemente estabelecidas entre a criança e as figuras de vinculação são consideradas relações protótipo, ainda que não deterministas, das relações íntimas construídas na adolescência e na idade adulta (Cassidy, 2001). Deste modo, a previsibilidade e segurança asseguradas à criança, na interação com figura de vinculação, tornar-se-ão esquemas representativos de uma relação de vinculação, e futuramente poderão ser transferidas e ilustradas no contexto de interações íntimas futuras com os parceiros.

Os primeiros autores a conceptualizar as relações íntimas como relações de vinculação foram Hazan e Shaver (1987), defendendo existir semelhanças entre as relações íntimas na idade adulta e as relações de vinculação na infância, entre as quais o carácter promotor de segurança associado à relação com o parceiro, na qual o indivíduo procuraria a proximidade com o outro em situações potencialmente ameaçadoras, com o objetivo de readquirir a capacidade de explorar o mundo e de auto perceber-se como competente (Lima, 2009). Esta capacidade de exploração dentro, e fora da relação, só se torna viável se o indivíduo for capaz de recorrer (e, expectavelmente, reconhecer) ao outro como base segura, conferindo assim a perceção e o sentimento de pertença, partilha e segurança, assim como a exploração de si próprio dentro da relação, característicos do estabelecimento da intimidade (Faria et al., 2007; Cassidy, 2001). De facto, a capacidade de individuação, de conhecimento do *self* e de desenvolvimento pessoal convivem, no seio das relações íntimas, concomitantemente com a perceção de pertença e de unicidade (Lima, 2009).

Constituindo-se como um elemento central nas relações de cariz íntimo, Cassidy (2001) propõe quatro capacidades básicas para o desenvolvimento da intimidade: 1) capacidade de procura de cuidados; 2) capacidade de prestação de cuidados; 3) capacidade de providenciar conforto e autonomia e 4) capacidade de negociação. Nesta mesma linha, Cassidy (2001) defende ainda que a proximidade e o conforto físico, assegurados pelo comportamento sexual, constituem-se como base para o desenvolvimento da intimidade emocional, o que leva a uma maior valorização da vinculação e dos cuidados prestados (e procurados) no seio da relação com o parceiro (Faria et al., 2009). Fuertes (2000), define segurança emocional como a perceção que o indivíduo tem do outro como disponível, quer no plano emocional, quer a nível comportamental, o que leva a uma maior satisfação conjugal.

Aliado ao conceito basilar de intimidade, surge o de sexualidade, assumindo-se na idade adulta como o objetivo associado à procura de proximidade (Barón, Zapian & Apodaca, 2002). Soares (2004) apresenta uma proposta similar à de Cassidy (2001), evidenciando a importância do trio “vinculação – intimidade – sexualidade”, baseando a sua proposta em três eixos: 1) eixo dos cuidados; 2) eixo da exploração (partindo do outro como base segura); e 3) eixo da negociação. Ao relacionar o eixo dos cuidados com os padrões de vinculação, assumindo que este engloba a dimensão da procura e também da prestação de cuidados, observa-se que indivíduos classificados como seguros assumem-se como mais capazes de atentar aos sinais do outro, respondendo às suas necessidades de forma mais assertiva, e também estão mais predispostos a exprimir sentimentos e partilhar perspetivas diferentes, o que permite concluir bons valores nos eixos da procura e prestação de cuidados, em comparação a indivíduos inseguros (Roisman et al., 2001). A dimensão de base segura assume aqui um papel potenciador da exploração fora da relação, sendo que esta poderá depender da qualidade dos cuidados experienciados pelo outro, não descartando a necessidade e perceção de individualidade de cada elemento da díade. Esta necessidade de afirmação do *self*, aliada à perceção do próprio como prestador de cuidados e merecedor dos mesmos (e vice-versa em relação ao outro), assim como o sentimento de segurança e do companheiro como base segura, constituem-se como *trigger* para o desenvolvimento de um processo de partilha e negociação dentro da relação (Faria et al., 2009).

Atendendo às investigações empíricas com foco na intimidade na idade adulta, é possível retirar conclusões similares no que concerne à relação entre estilos de vinculação e comportamentos no seio de relações íntimas. Segundo Haydon, Collins, Salvatore, Simpson e Roisman (2012), indivíduos classificados como seguros tendem a experienciar estabilidade nos relacionamentos românticos, assim como a construção de relações funcionais, ao contrário dos indivíduos classificados como inseguros, associados a relacionamentos mais pobres e instáveis, pautados pela angústia. Deste modo, conclui-se ser expectável que as representações da vinculação tenham alguma influência no comportamento dentro das relações românticas (Haydon et al., 2012). Num estudo realizado por Simpson (1990), com 144 casais, indivíduos classificados como seguros tendiam a perceber as relações em que estavam inseridos como mais satisfatórias, promotoras de maior confiança e de maior investimento. Em contrapartida, indivíduos classificados como inseguros-evitantes tendiam a desvalorizar o compromisso e momentos de intimidade, e aqueles classificados como inseguros-ambivalentes apresentavam uma visível preocupação com questões como a desconfiança, ciúmes e abandono. Também Feeney (1999) refere que indivíduos seguros demonstram sentir-se mais confortáveis com a

intimidade sexual, sendo esta promotora de uma maior confiança e segurança, ao contrário do que ocorre com indivíduos inseguros. Num outro estudo realizado nesta área, mas desta vez relacionando o género e a forma como são percebidas as relações amorosas, foi possível perceber que as mulheres apontavam o conforto com a proximidade do parceiro como dimensão da vinculação que melhor caracterizava a qualidade da relação. Contrastando, os homens indicavam que o melhor preditor da qualidade da relação seria inversamente proporcional ao sentimento de abandono/ não ser amado pelo parceiro (Collins & Read, 1990).

Num estudo realizado por Hazan e Shaver (1987), foram estudadas as variáveis relações íntimas, estilos de vinculação e a noção de continuidade dos MID, tendo sido obtidos os seguintes resultados: 1) a prevalência e as características dos três padrões de vinculação mantém-se, na maioria das vezes, na idade adulta; 2) os diferentes estilos de vinculação interferem de diferentes formas na maneira como o indivíduo adulto percebe a relação amorosa e, 3) o estilo de vinculação tem influência na forma como o indivíduo se percebe a si mesmo, como vê relações sociais que mantém e a relação/ experiências que preserva com os pais.

Deste modo, e concluindo o presente tópico, é possível assumir as relações íntimas na idade adulta como cruciais para o funcionamento e desenvolvimento ajustado do indivíduo, as quais compreendem múltiplos agentes motivacionais, emocionais e comportamentais, convergindo na procura e valorização da proximidade com o outro (Lima, 2009).

4. FREQUÊNCIA CARDÍACA EM CONTEXTOS DE RELAÇÃO ÍNTIMA

Um vasto leque de estudos foram realizados na tentativa de perceber a associação entre respostas fisiológicas e questões relacionadas com a vinculação, principalmente durante o procedimento *Situação Estranha* na infância, e na administração da AAI na idade adulta.

Inicialmente, o estudo dos sinais psicofisiológicos relacionados com a vinculação encetou através do paradigma da Situação Estranha (Faria et al., 2009). Os primeiros relatos acerca deste tópico foram levados a cabo por Sroufe e Waters (1977a), os quais, através de estudo de casos, concluíram que a Situação Estranha assumia-se como um procedimento ativador da frequência cardíaca em todos os bebés, e que as diferenças visíveis na variância de FC estavam relacionadas com os diferentes padrões de vinculação. Por exemplo, crianças caracterizadas com um padrão de vinculação inseguro-evitante, aquando o momento de encontro com a figura de vinculação, apresentaram um aumento de FC mesmo na ausência de

atividade motora, o que seria sugestivo de presença de afetividade, e não de indiferença (Sroufe & Waters, 1977b).

A investigação em torno dos sinais psicofisiológicos tem relacionado a vinculação, principalmente, com a atividade eletrodérmica e com a frequência cardíaca e, deste modo, torna-se importante esclarecer alguns conceitos. Fowles, em meados de 1980, apresentou a sua teoria de que existem dois sistemas antagonistas, relacionados com a resposta comportamental/fisiológica passiva ou ativa do indivíduo, perante certos estímulos (Roisman, 2007). Deste modo, Fowles – na sequência da tese básica de Gray (1975) – distingue *Sistema Comportamental de Inibição* (Behavioral Inhibition System – BIS) de *Sistema Comportamental de Ativação* (Behavioral Activation System – BAS). O primeiro sistema encontra-se relacionado com a resposta passiva e com o esforço para a inibição comportamental, estando a sua ativação unicamente relacionada com o aumento da atividade eletrodérmica. O segundo sistema está mais associado à ativação comportamental e à preparação para a ação, o qual se encontra estritamente relacionado com a frequência cardíaca (Roisman, 2007). Deste modo, e relacionando estes dois sistemas com a investigação da vinculação na idade adulta, é espetável que indivíduos caracterizados com desativação utilizem estratégias que envolvam a maximização de esforços para inibir comportamentos dirigidos ao outro, que seriam desejáveis num contexto vincutivo, traduzindo-se isto num aumento da atividade eletrodérmica. Por outro lado, indivíduos que utilizem estratégias de hiperativação tendem a experienciar respostas emocionais (e, tendencialmente, comportamentais) exageradas face a situações potencialmente stressantes em contextos de relações de vinculação, o que expectavelmente levará a um aumento da FC (Roisman et al., 2004; Dozier & Kobak, 1992).

Não obstante, ainda existe pouca literatura que relacione os diferentes padrões de vinculação, assim como os comportamentos em interação diádica, com os correlatos psicofisiológicos, principalmente no que diz respeito à frequência cardíaca. Um dos resultados do estudo de Roisman (2007) indicou que indivíduos classificados como preocupados na AAI apresentavam uma significativa variância de FC, mas esta não se verificava em indivíduos classificados como desligados. No mesmo estudo, Roisman concluiu que indivíduos que descreviam as suas experiências precoces na infância de uma forma mais revoltada e irritada, ou meramente passiva, acabavam por manifestar, *à posteriori*, aumentos de FC em interação com o parceiro amoroso, sendo sugestivo de ativação comportamental. Um estudo com adolescentes, que pretendia examinar a associação entre as representações da vinculação e a regulação emocional durante a AAI, demonstrou que indivíduos classificados como desligados apresentavam valores mais baixos de responsividade de FC – o que indica menor *stress* – em

comparação com indivíduos seguros, ao contrário do que seria expectável (Beijersbergen, Bakermans-Kranenburg, van Ijzendoorn & Juffer, 2008). Os autores apresentam a possibilidade desta reduzida reatividade cardíaca nos indivíduos desligados, advir de estratégias defensivas/inibitórias ao assumirem a tarefa da AAI mais superficialmente que os indivíduos seguros. Em contrapartida, durante tarefas de interação com figuras de vinculação importantes (neste caso em concreto, com as mães), indivíduos desligados apresentam um *stress* mais marcado do que indivíduos classificados como seguros, não conseguindo recorrer a estratégias defensivas aquando o contacto direto na resolução de tarefas (Beijersbergen et al., 2008).

Em contexto português, dá-se especial relevância a dois estudos pioneiros na investigação de correlatos psicofisiológicos, com o objetivo de perceber a relação entre a organização da vinculação e a atividade autonómica. No estudo de Dias (2007), com uma população clínica de 47 pacientes com diagnóstico de perturbação do comportamento alimentar, procedeu-se à realização da AAI e, simultaneamente, à recolha de dados de frequência cardíaca e de atividade eletrodérmica. Os principais resultados do estudo indicam não existir associação entre a variação da FC e as diferentes organizações de vinculação. O outro estudo, pertencente a Klein (2007), recorreu a uma amostra de 50 participantes femininas, de uma amostra não clínica, e procedeu do mesmo modo à recolha de dados fisiológicos aquando a realização da AAI. Dos resultados obtidos, ressalta a associação entre a condutância da pele e a organização da vinculação, mas esta não se associada significativamente à FC. Um outro estudo português, realizado por Soares e cols. (2001) com uma população clínica, também diagnosticada com perturbações do comportamento alimentar, utilizado o mesmo método, contrariou os resultados dos dois estudo anteriores concluindo que a organização da vinculação poderá estar associada a perfis de reatividade cardíaca específicos.

Contrariamente ao defendido por Soares e cols. (2001), Holland e Roisman (2010), num estudo realizado com díades amorosas com o objetivo de perceber a influência da organização da vinculação nas mesmos, concluíram não existir evidência de que os padrões de vinculação (seguro *versus* inseguro), e as estratégias de vinculação (desativação *versus* hiperativação), estejam associados à responsividade cardíaca.

Poucos foram os autores que dedicaram os seus trabalhos ao estudo das alterações de frequência cardíaca aquando momentos de interação diádica, em contexto de relações de vinculação de cariz amoroso. O estudo mais relevante com estas variáveis pertence a Roisman (2007), o qual contou com a participação de 80 casais, cujo objetivo era de examinar o perfil psicofisiológico dos indivíduos classificados com os padrões-protótipo de vinculação, num momento de discussão com o parceiro, sobre os aspetos causadores de maior discórdia na

relação. Os resultados demonstraram que indivíduos que apresentavam uma maior tonalidade emocional positiva – dirigida à relação com o parceiro – estavam menos propícios a exibir aumentos de FC durante a interação. Do mesmo modo (e sublinha-se aqui a influência capaz de ser exercida por um elemento da díade sobre o outro), indivíduos cujos parceiros expressavam maior emocionalidade positiva, que negativa, durante a interação com o outro, apresentavam uma menor probabilidade de aumento de FC (Roisman, 2007). Isto vai de encontro à premissa de que relações conjugais onde exista um modelo de base segura adequado, percebido pelos indivíduos, desempenha um papel fundamental na regulação do funcionamento fisiológico (Kiecolt-Glaser, McGuire, Robles & Glaser, 2002).

Posto isto, é notória a pertinência da continuidade dos estudos em volta da variável *frequência cardíaca*, relacionando, não só, os padrões de vinculação protótipo (i.e. seguro, desligado e preocupado), mas também a medição da mesma em momentos de interação diádica, de modo a perceber os padrões de alteração. Apesar da já existência de dois estudos, em contexto português, cuja variável de estudo é a FC, o presente estudo permite a compreensão mais aprofundada desta variável ao relaciona-la com as relações íntimas na idade adulta.

CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO

1. METODOLOGIA

O presente estudo de caso tem como principal objetivo compreender as relações entre a organização da vinculação, a representação da relação íntima e a resposta fisiológica de cada elemento do casal no contexto de uma interação diádica. Utilizando uma metodologia qualitativa de natureza indutiva, torna-se exequível o estudo multimodal das variáveis que se pretendem avaliar (Soares, 2007). Nesta linha de metodologia-multi, o presente estudo vem no seguimento de um outro projeto de maiores dimensões sobre vinculação no contexto de relações íntimas, e integra tanto a dimensão representacional, onde se inclui a organização da vinculação e a representação da relação íntima, assim como a dimensão comportamental, onde se insere a interação diádica. De modo a que as variáveis não fossem isoladas do seu contexto real, e numa tentativa assegurar a autenticidade dos dados, foi criado um *setting* adaptado à realidade no momento da interação diádica (e.g. Yin, 2009). Garantidas todas as condições e metodologias adequadas para dar resposta aos objetivos do estudo, apresentam-se assim os objetivos específicos:

1. Compreender de que modo a organização da vinculação está relacionada com a representação da relação íntima (MID geral e MID específico).
2. Analisar de que modo as alterações de frequência cardíaca, num momento de interação diádica, se relacionam com a organização da vinculação de cada elemento do casal.
3. Compreender a forma como as alterações da frequência cardíaca se evidenciam, aquando os dois momentos centrais da *Couple Interaction Task*, sendo eles o momento de resolução de conflito, e o momento de negociação.

Assim, as questões de investigação podem ser concretizadas da seguinte forma:

1. Qual a relação entre a organização da vinculação e representação da relação íntima?
2. De que modo as alterações de frequência cardíaca, em contexto de interação diádica, estão relacionadas com a organização da vinculação de cada elemento do casal?
3. De que modo é que as alterações da frequência cardíaca se evidenciam, atendendo aos dois momentos centrais – resolução de conflito e negociação – da *Couple Interaction Task*?

2. PARTICIPANTES

No âmbito do projeto no qual este estudo se insere, foram definidos como critérios de inclusão díades heterossexuais, que mantivessem uma relação íntima de cariz amoroso com uma duração igual ou superior a dois anos¹, e que morassem juntos há, pelo menos, seis meses. De modo a que amostra fosse homogénea, e com o objetivo de analisar casais jovens/ adultos, as idades dos participantes foram limitadas ao intervalo de 25 a 40 anos de idade. Na seleção dos participantes, foram também tidos em conta como critérios de exclusão, a presença de filhos da relação presente ou de anteriores, casamentos ou uniões de facto anteriores à relação, e a presença de ambos em algum tipo de acompanhamento terapêutico no momento da recolha de dados, quer individual, quer enquanto casal.

Tratando-se de um estudo de caso, a amostra é constituída unicamente por um casal heterossexual, com 24 e 31 anos de idade, cuja relação amorosa se mantém há 6 anos e 6 meses. Os participantes coabitam há cerca de 1 ano e 4 meses na zona do Porto, mais concretamente na Maia. Relativamente às habilitações literárias e profissão, o elemento do sexo feminino apresenta o grau de licenciatura e desempenha o cargo de oficial de justiça, enquanto o elemento do sexo masculino apresenta o 12º ano de escolaridade, e desempenha o cargo de técnico de compras.

Os participantes foram selecionados através de um processo por conveniência, dado que foram indicados por contactos informais, ou seja, pelas colaboradoras e investigadoras deste estudo.

3. INSTRUMENTOS

Seguidamente, encontram-se apresentados e descritos os instrumentos utilizados no protocolo de avaliação deste estudo, pela ordem em que os mesmos foram administrados.

Ficha de Identificação e Caracterização do Casal

A Ficha de Identificação e Caracterização do Casal caracteriza-se por um breve questionário, o qual é preenchido pela díade, e engloba aspetos sociodemográficos individuais e aspetos sobre a caracterização do casal. As variáveis incluídas na caracterização

¹ A pertinência e justificação do período temporal de dois anos assentam na premissa de que as relações de vinculação de cariz amoroso começam a estabilizar-se por volta do segundo ano da mesma, assim como o papel de figura de vinculação principal por parte do parceiro torna-se notória (Hazan & Shaver, 1994).

sociodemográfica incluem a idade, estado civil, habilitações literárias e a profissão. No que concerne à caracterização do casal, são conhecidos o tipo de relação (i.e., casamento, união de facto, ou outro), a duração da mesma e o tempo total de coabitação.

Adult Attachment Interview (AAI; George, Kaplan & Main, 1985; tradução e adaptação para a população portuguesa por Soares e colaboradores, 1996)

A AAI é caracterizada como sendo uma entrevista semiestruturada, a qual baseia o seu conteúdo na TV, apresentada por Bowlby (1969; 1982), avaliando principalmente os MID gerais. Tem como objetivo avaliar a representação da vinculação do indivíduo de modo global, não específico a uma relação em concreto, envolvendo domínios como a segurança do modelo interno da vinculação ou a segurança do *self* relativamente à vinculação. Constituída por 20 perguntas, remete para a ativação do sistema de vinculação ao recorrer a memórias do indivíduo sobre as suas experiências de vinculação na infância, com as figuras de vinculação (i.e., pais ou outros, no caso da ausência parental). Relativamente à administração da entrevista, esta deve ser efetuada por um profissional com formação para tal, e apresenta uma duração de, aproximadamente, 60 a 90 minutos. Com o consentimento informado dos participantes, esta entrevista será gravada para posteriormente se proceder a uma transcrição e cotação da mesma (Lima, 2009).

O protocolo da AAI é iniciado pedindo ao sujeito que se situe na sua infância o mais cedo possível, e descreva a sua relação com pais nesse período, de uma forma geral, utilizando questões abertas (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, cit in Soares, 2009). Esta descrição também é feita através de cinco adjetivos que caracterizam a relação na infância com a mãe, e cinco adjetivos que caracterizem a relação na infância com o pai (ou com outras figuras de vinculação relevantes), justificando a escolha de cada um dos adjetivos através de episódios específicos (i.e., memória episódica). Posteriormente, são exploradas questões relativas ao pressuposto da vinculação, mas de cariz mais crítico, como acontecimentos de vida (e.g., problemas pessoais, acidentes, doenças, separações) e questões relacionadas com as figuras de vinculação (e.g., ameaça de abandono, maus tratos, rejeição). A abordagem destas questões permite perceber a perceção que o sujeito tem do impacto destas experiências ao longo do seu desenvolvimento, assim como a representação que tem dos pais (Lima, 2009; Soares, 2009). A relação com outros adultos significativos é também explorada nesta entrevista, assim como perdas significativas, recorrendo novamente à exposição de memórias e situações por parte do indivíduo, e à forma como este reagiu perante essas situações, qual o impacto destas no seu desenvolvimento e que mudanças ocorreram com o passar do tempo (principalmente

emocionais). A entrevista termina solicitando ao participante para se focar no presente e na relação que mantem atualmente com os pais, e de que modo essas relações influenciam a interação que tem com o seu filho, caso exista, ou se não existir, sendo imaginário.

A análise e classificação da AAI é feita através do sistema de classificação *Attachment Q-Sort*, desenvolvido por Kobak (1993), baseando o seu pressuposto no sistema original de classificação de Main e Goldwyn (1984/1998, cit in Crowell & Treboux, 1995). Este sistema tem como objetivo perceber a relação entre o estilo de vinculação e a regulação do afeto, recorrendo a estratégias emocionais minimizadoras *versus* maximizadoras. Baseado neste sistema, as entrevistas são cotadas independentemente por dois juízes, depois de transcritas, utilizando uma distribuição forçada de 100 descritores, distribuídos por 9 categorias (Lima, 2009). O número de descritores por categoria encontra-se pré-estabelecido – cinco descritores para a categoria 1 (“caracteriza muito mal esta entrevista”) e 9 (“caracteriza muito bem esta entrevista”), oito descritores para as categorias 2 e 8, doze descritores para as categorias 3 e 7, dezasseis descritores para as categorias 4 e 6 e, por fim, dezoito descritores para a categoria 5 (“não caracteriza bem nem mal esta entrevista”) (Soares, 2009).

Para a fidelidade da classificação da entrevista, é necessária a existência de um acordo inter-juízes, avaliado através da fórmula de Spearman-Brown. Caso o nível de acordo seja inferior a .60, procede-se à cotação por um terceiro juiz. A cotação da AAI abrange dois domínios, sendo eles o recurso por parte do sujeito, a uma estratégia de segurança *versus* insegurança, e o recurso a uma estratégia de desativação *versus* hiperativação. O sistema de cotação permite caracterizar o indivíduo relativamente à sua organização da vinculação, comparando com AAI's protótipo (i.e. seguro, desligado e preocupado), assim como identificar quais as estratégias de vinculação (hiperativação *versus* desativação e segurança *versus* insegurança). Quando a cotação resultante da AAI não corresponde a nenhum dos padrões, considera-se a entrevista como não-classificável.

Intimate Relationship Interview (IRI; Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005)

A *Intimate Relationship Interview* é uma entrevista semiestruturada, cujo objetivo é avaliar a representação da relação íntima por parte de cada um dos membros da díade. Esta entrevista é destinada exclusivamente a adultos, tendo como alvo a análise das experiências do indivíduo na relação atual, ou seja, a forma como as organiza, integra e lhes confere significado. Deste modo, pretende-se que o indivíduo não só descreva, avalie e interprete as experiências no contexto da relação, como também seja capaz de refletir e fundamentar essas experiências

através de situações concretas, de modo a que seja possível a avaliação da qualidade da organização da experiência (Lima, Vieira & Soares, 2006).

A IRI, contrariamente à AAI, avalia os MID específicos, e engloba cinco domínios importantes para a melhor compreensão das relações íntimas, sobre o olhar da TV de Bowlby (1969, 1982) – regulação emocional, intimidade sexual, capacidade de procurar cuidados, capacidade de prestação cuidados e base segura. Relativamente ao protocolo, a primeira questão desta entrevista incide sobre a influência que outras relações do passado, principalmente com as figuras de vinculação, têm sobre a relação atual. As questões seguintes permitem perceber como é que o indivíduo procura e presta cuidados ao outro, tanto em situações não diretamente relacionadas com a relação², como em situações dentro da relação. No seguimento destas questões, é avaliada a regulação de proximidade e distanciamento que o indivíduo possui face ao outro, e a representação da relação do ponto de vista sexual, ao nível da comunicação e satisfação, englobando os domínios físico e psicológico (Lima, 2009; Martins, Soares & GEV, 2009). Esta entrevista termina questionando ao indivíduo sobre a sua satisfação, expectativas e aprendizagens que retira da relação com o parceiro, procurando perceber em que medida o indivíduo considera a sua relação atual como incitadora de crescimento pessoal, balanceando as necessidades individuais e as da relação (Lima, 2009).

A administração da IRI é individual tendo uma duração de, aproximadamente, 30 minutos e é gravada em registo áudio. Posteriormente, após a transcrição das entrevistas, estas são cotadas segundo as dimensões integração da emocionalidade positiva e negativa, procura de cuidados, prestação de cuidados, intimidade sexual, equilíbrio entre o indivíduo e a relação, idealização e coerência.

A dimensão da Integração Emocional avalia a expressão de sentimentos negativos (e.g. verbalizações de raiva, hostilidade) e sentimentos positivos (i.e. dirigidos ao outro), e o modo como a expressão dos mesmos é equilibrada e coerente.

A dimensão da Procura de Cuidados (*Careseeking*) avalia a capacidade que o indivíduo tem de procurar cuidados no outro, a aceitação de conforto, a capacidade de expressar sinais indicativos da sua vulnerabilidade e mal-estar, até que o outro atenda às suas necessidades. Por outro lado, a dimensão Prestação de Cuidados (*Caregiving*) avalia a capacidade do indivíduo

² Os problemas que experienciam, não relacionados diretamente com a relação, incluem episódios no contexto laboral, familiar ou social (com amigos), e podem experienciar-se como mal-estar, tristeza, conflitos, entre outros.

para prestar cuidados ao outro, percebendo os seus sinais e mal-estar a vulnerabilidade, estando disponível para atender às necessidades de conforto e proteção do parceiro.

A dimensão da Intimidade Sexual, por sua vez, permite avaliar os níveis de proximidade física e emocional, e a abertura relativamente à expressão sexual através da capacidade de comunicação que o indivíduo tem para se expressar relativamente à sexualidade.

Por fim, a dimensão Desenvolvimento do Indivíduo *versus* Desenvolvimento da Relação permite avaliar em que medida é que o sujeito é capaz de se desenvolver a nível individual, numa perspetiva de “eu” autónomo dentro da relação ou se, pelo contrário, este desenvolvimento é constringido pela relação *per se*, inibindo assim as necessidades individuais e objetivos pessoais.

Relativamente à avaliação da qualidade da organização da experiência, a dimensão Idealização avalia a disparidade entre a perceção que o indivíduo tem da sua relação, de si e do outro, e do seu papel na relação, assim como a descrição dos episódios referentes a esses aspetos. Por fim, a dimensão Coerência atende à clareza e organização do discurso, no que concerne à relação, ao outro e ao próprio, à capacidade de apresentar episódios que concretizem as suas descrições e perceções gerais, assim como à reflexão e integração de experiências pessoais na relação.

A cada domínio é atribuída uma classificação numa escala ordinal, que vai desde “muito baixo”, “baixo”, “moderado”, “alto” e “superior”. As entrevistas são cotadas por juízes formados de modo a assegurar a fidelidade da avaliação (Soares, 2009). Esta fidelidade é ainda assegurada pela necessária existência de um acordo inter-juízes, avaliado através do teste de Spearman-Brown, o qual tem de se apresentar superior a .60. Caso contrário, é necessário recorrer a um terceiro juiz.

Couple Interaction Task (CIT; Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998)

O instrumento *Couple Interaction Task (CIT)*, ao contrário do cariz representacional da AAI e da IRI, é descrito como sendo um instrumento de observação comportamental, assim como uma tarefa de interação diádica (Lima, 2009). Esta tarefa é dividida em dois momentos, sendo que no primeiro o casal deve i) identificar qual o problema que causa mais discórdia dentro da relação, através do auxílio de uma lista de possíveis problemas, ii) conversar durante 10min acerca do mesmo, iii) apresentar individualmente a sua posição face ao problema identificado e, por fim, iv) arranjar uma solução em conjunto, tendo esta que ser satisfatória para ambos. Num segundo momento, será pedido ao casal que trabalhe em conjunto de modo a que definam o que, para eles, é o protótipo de casal ideal/ perfeito. A realização deste último

momento conta com o auxílio de 45 cartões descritores de várias características de um casal, os quais têm de ser distribuídos (através da metodologia *Q-sort*³), pelo casal, em três categorias diferentes: “caracteriza bem”, “caracteriza mal” e “nem caracteriza bem, nem mal”, um casal ideal.

A CIT é gravada em formato audiovisual, e é cotada através de dez escalas, organizadas em quatro principais dimensões: tonalidade emocional (i.e. escalas Partilha de Afeto Positivo, Partilha de Afeto Negativo, Raiva e Hostilidade), processo (i.e. escalas Resolução de Conflito e Base Segura), balanceamento (i.e. escalas Equilíbrio Assertividade *versus* Auto-Retraimento, Equilíbrio Indivíduo *versus* Relação e Equilíbrio Relação *versus* Mundo) e qualidade da interação.

A avaliação das escalas inseridas na dimensão Tonalidade Emocional tem por base a reciprocidade de expressão emocional, considerando o reconhecimento e sincronia da expressão de afetos positivos e negativos, entre os elementos da díade. Na escala de Partilha de Afeto Negativo é também avaliado o processo de escalada aquando a devolução de afeto negativo expresso pelo outro, assim como a escala de Raiva (e.g. expressão de irritação, impaciência, frustração) e Hostilidade (e.g. expressão de frieza emocional e rejeição do outro).

A dimensão Processo avalia, por um lado, a capacidade de trabalho em equipa por parte da díade, principalmente ao nível da resolução de problemas e tomada de decisão e, por outro lado, avalia a capacidade dos elementos do casal se assumirem e percecionarem o outro como base segura.

A dimensão Balanceamento, engloba três escalas: a escala Equilíbrio Assertividade *versus* Auto-Retraimento, permitindo avaliar a capacidade e disponibilidade de expressar ideias enquanto casal, em contraste com a defensividade e não abertura para a partilha. A escala

³ A metodologia *Q-sort* foi inicialmente desenvolvida por William Stephenson (1935), e posteriormente aperfeiçoada por Brown (1993). Segundo o mais recente autor, a metodologia *Q-sort* permite estudar variáveis subjetivas como crenças, valores e atitudes individuais, expressas pelas opiniões idiossincráticas de cada indivíduo. Deste modo, o procedimento desta metodologia começa com a apresentação aos participantes de um conjunto de cartões, com uma afirmação/ descrição cada, numerados aleatoriamente. Aos participantes, é pedido que ordenem ou distribuam os cartões segundo uma regra (i.e., no caso do presente estudo, é pedido que distribuam sobre a regra de descrever o casal ideal), que representa o ponto de vista pessoal de cada um. Nesta metodologia, é também fornecido aos participantes uma folha de resposta, assim como a instrução para a distribuição dos cartões. A resposta é dada segundo a definição de “valores” quantitativos ou qualitativos (i.e., neste caso, são fornecidas aos participantes 3 caixas com as categorias descritas acima, de modo a que coloquem os 45 cartões dentro delas).

Equilíbrio Indivíduo *versus* Relação permite avaliar de que modo a relação promove ou constrange o desenvolvimento dos elementos da díade enquanto seres individuais. Por último nesta dimensão, o envolvimento ativo enquanto casal, aquando a realização de uma tarefa solicitada, é avaliada através da escala Equilíbrio Relação *versus* Mundo.

Finalmente, a escala de Qualidade Global da Relação avalia holisticamente a qualidade e profundidade da relação, não atendendo ao conjunto de scores anteriormente obtidos nas restantes escalas.

A cada escala é atribuída uma classificação de 5 a 7 valores. A cotação da CIT é feita por juízes formados neste método de avaliação, de forma independente (Lima, 2009). À semelhança das entrevistas AAI e IRI, também a CIT recorre a um acordo inter-juízes de modo a assegurar a fidelidade dos resultados. Assim, o acordo é avaliado através da fórmula de Spearman-Brown, sendo necessário recorrer a um terceiro juiz caso o nível de acordo atingido inicialmente seja inferior a .60.

Biopac BioNomadix (Biopac System, Santa Clara, CA)

O *Biopac* é um equipamento de registo fisiológico utilizado, principalmente, para a recolha dos índices de frequência cardíaca e de atividade eletrodérmica. A frequência cardíaca é medida através de um eletrocardiograma (ECG), recorrendo à utilização de três elétrodos, colocados na parte superior do ombro esquerdo e em ambas as clavículas. Os dados fisiológicos obtidos são visíveis através de um *software*, *Acknowledge 5.0*.

4. PROCEDIMENTOS

4.1. RECOLHA DE DADOS

O processo de recolha de dados decorreu no início do mês de junho de 2018. O protocolo de avaliação foi administrado pelo principal investigador deste estudo, e por colaboradores, na Clínica Universitária de Psicologia (CUP), localizada na Universidade Católica Portuguesa do Porto, no pólo da Foz.

O primeiro contacto com a díade participante foi feito telefonicamente, onde foram explicados os objetivos do projeto, o procedimento de recolha de dados, foi assegurado o anonimato das informações recolhidas e feito o pedido de colaboração no estudo. À posteriori, foi enviada via *e-mail* a explicação mais detalhada do estudo, e foi agendado o momento de

recolha de dados. No dia da recolha, os participantes foram recebidos pelos dois investigadores do estudo, iniciando-se o protocolo com a assinatura do consentimento informado (cf. **Anexo 1**), documentado por escrito, e o preenchimento da Ficha de Identificação e Caracterização do Casal (cf. **Anexo 2**).

Após esta primeira fase do preenchimento de documentação em conjunto, procedeu-se à administração simultânea das entrevistas AAI e IRI, pela ordem apresentada e individualmente, por parte do par de investigadores, em salas separadas. Terminadas as entrevistas, foi pedido individualmente a cada participante que preenchesse uma *checklist* de situações potencialmente problemáticas numa relação, onde era solicitado que pontuassem cada situação numa escala *likert* de 10 pontos, conforme o seu grau problemático na relação que estabelece com o companheiro/a (cf. **Anexo 3**). Após a recolha de ambas as fichas, deu-se por terminado o momento individual de recolha, seguindo-se a realização da CIT, cuja administração foi levada a cabo apenas pelo investigador do presente estudo. Simultaneamente à administração da CIT, foram também recolhidos os dados referentes à variável da frequência cardíaca, através do aparelho *Biopack* e do *software Acknowledge 5.0.*, no qual foram assinalados manualmente, o início e o fim de cada tarefa/ instrução. Deste modo, foram colocados três elétrodos em cada elemento do casal (i.e., dois em cada uma das clavículas e um na parte superior do ombro esquerdo), seguindo-se o protocolo da CIT e da recolha da variável fisiológica: realização da tarefa de base⁴; escolha do problema na relação que cause mais discórdia; discussão do problema e de uma solução para o mesmo; resumo da solução do problema; discussão dos aspetos mais satisfatórios na relação; tarefa de casal. Os elétrodos estiveram colocados nos participantes durante toda a realização da CIT, e esta foi gravada em registo áudio e vídeo, através de três câmaras presentes na sala (i.e., uma das câmaras direcionada para o elemento feminino, outra para o elemento masculino, e uma terceira direcionada para o panorama geral da interação diádica).

A cada um dos elementos do casal foi atribuído um código de identificação que, posteriormente, foi utilizado na identificação da transcrição das entrevistas, na Ficha de Identificação e Caracterização do Casal e também na CIT, de modo a assegurar a confidencialidade dos dados. O protocolo de recolha de dados teve uma duração de, aproximadamente, três horas.

⁴ A tarefa base consiste na apresentação de diferentes imagens neutras ao casal, sendo-lhes pedido que as descrevam o mais pormenorizadamente possível. Esta tarefa permite perceber qual o ritmo cardíaco normal de cada participante, dado que não estão presentes estímulos potenciadores de alteração cardíaca.

4.2. ANÁLISE DE DADOS

A análise das entrevistas AAI e IRI foi realizada após a transcrição total das mesmas e a atribuição de um código de identificação para cada transcrição. A AAI foi cotada e classificada por pares de juízes formados, através do sistema de classificação *Attachment Q-Sort*, desenvolvido por Kobak (1993). Após o acordo, procedeu-se à avaliação da correlação das cotações das entrevistas com as AAI protótipo de cada padrão de vinculação. Note-se que, para a classificação da AAI do elemento feminino, foi necessário recorrer a um terceiro juiz.

De modo similar, as IRIs de ambos os elementos da díade foram cotadas e classificadas por pares de juízes certificados para tal, procedendo-se à avaliação do acordo inter-juízes e à definição das cotações e classificações finais, das escalas pertencentes à entrevista.

Relativamente à CIT, após ter sido gravada em registo audiovisual, procedeu-se ao visionamento da interação por parte de juízes treinados para o efeito. À posteriori, foi realizada a avaliação do acordo inter-juízes, e procedeu-se à cotação e classificação das escalas contempladas na entrevista.

Os dados de frequência cardíaca foram tratados através do *software Acknowledge 5.0*. Foram definidos e marcados os pontos de início e de fim de cada tarefa da CIT no *software*, inclusive a tarefa *baseline*, e calculadas as médias de frequência cardíaca por minuto para cada elemento da díade. Posteriormente, os resultados obtidos a partir do *Acknowledge 5.0* foram convertidos para um documento Excel.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Os resultados abaixo apresentados encontram-se seguindo a ordem de administração dos instrumentos, pelo que primeiramente, serão apresentados os resultados da AAI, seguidos da IRI, CIT e, por fim, da avaliação da frequência cardíaca. Em cada instrumento, os resultados do elemento feminino e masculino apresentam-se discriminados separadamente.

1. ADULT ATTACHMENT INTERVIEW | AAI

Os resultados obtidos na AAI permitiram classificar o elemento **masculino** da díade como **desligado**. O discurso é pautado por uma incapacidade de recordar episódios que ilustrem as apreciações globais que faz ao longo da entrevista. Descreve a relação com as figuras de vinculação como sendo quase perfeita, ainda que não consiga sustentar o porquê, o que suscita algumas reservas quanto à veracidade do discurso. Ao longo de entrevista, é possível perceber alguma tangencialidade e superficialidade nas respostas dadas pelo elemento.

No elemento **feminino**, a organização da vinculação é caracterizada como sendo **segura**, sendo visível a ativação do sistema de vinculação ao longo da entrevista. São apresentadas diversas experiências decorridas na infância, recorrendo na sua generalidade a memórias ilustrativas das mesmas. O discurso é pautado por uma abertura e flexibilidade para refletir sobre a vinculação e para perceber a influência desta ao longo do desenvolvimento. Ao nível da história pessoal, o elemento feminino refere-se às figuras de vinculação como estando disponíveis em qualquer situação, não obstante a existência de situações caracterizadas por falta de acessibilidade. No caso das experiências mais negativas, é perceptível a integração e aceitação das mesmas por parte do elemento, como sendo promotoras de crescimento e autonomia.

2. INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW | IRI

Os resultados da IRI encontram-se apresentados na tabela 1, para ambos os elementos da díade. Os exemplos de discurso ilustrativos de cada uma das dimensões encontram-se em anexo (**cf. Anexo 3**), de modo a ser mais perceptível a atribuição das classificações por dimensão, em cada elemento da díade.

Tabela 1. Resultados da *Intimate Relationship Interview*

Dimensão	Elemento Masculino		Elemento Feminino	
	Cotação	Classificação	Cotação	Classificação
Integração de Afeto Positivo e Negativo	3	Moderado	4	Alto
Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>)	3	Moderado	3	Moderado
Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>)	3	Moderado	4	Alto
Intimidade Sexual	3	Moderado	3	Moderado
Desenvolvimento do indivíduo vs. Desenvolvimento da relação	3	Moderado	4	Alto
Idealização	3	Moderado	2	Baixo
Coerência	3	Moderado	4	Alto

De seguida, são apresentados e justificados os resultados obtidos na IRI do **elemento feminino** da díade.

Na escala **Integração de Afeto Positivo e Negativo**, o elemento feminino obteve uma classificação qualitativa alta, evidenciada na expressão de sentimentos positivos dirigidos ao outro, e na descrição episódica de partilha de afeto entre o casal, tanto físico como verbal. Para além disso, é notória a capacidade que o elemento feminino tem de integrar momentos suscitadores de emocionalidade negativa (i.e. raiva), integrando-os de uma forma organizada e coerente.

Na escala **Prestação de Cuidados**, o elemento feminino obteve uma pontuação classificada como moderada, demonstrando reconhecer os sinais de vulnerabilidade e de desconforto por parte do parceiro, mas sem ser capaz de satisfazer de modo consistente e adequado as suas necessidades. No geral, é capaz de se assumir como base segura para o outro e procura fornecer suporte.

Na escala **Procura de Cuidados**, obteve um valor alto. Salienta-se a capacidade de expressar a sua vulnerabilidade perante o parceiro, a confiança que demonstra ter nele para lhe contar os seus problemas, assumindo-o como sendo uma base segura na generalidade das situações.

Em ambas as escalas de **Procura e Prestação de Cuidados**, o padrão que o elemento feminino apresenta varia ao nível do tipo de problema e também da intensidade do mesmo. Deste modo, é possível perceber que apresenta uma melhor resposta quando os problemas são externos à relação, do que face a problemas entre o casal.

Na escala **Intimidade Sexual** obteve um valor moderado. Salienta-se a capacidade de abertura e reflexão relativamente a questões de natureza sexual com o parceiro, mas com alguma reticência em abordar sentimentos e pensamentos em relação à sua vida sexual. Salienta-se o esforço do elemento feminino para tentar normalizar a sua relação sexual com o parceiro, referindo que ainda existem alguns tabus em questões sexuais e alguma falta de comunicação, o que não interfere com a boa relação que mantêm.

Na escala **Desenvolvimento do Indivíduo vs Desenvolvimento da Relação** o elemento feminino obteve uma classificação considerada como alta. Denota-se um equilíbrio entre as necessidades individuais e da relação, e a capacidade de experienciar um crescimento pessoal dentro da mesma. Não obstante, consegue-se perceber que não se sente completamente realizado dentro da relação.

Na escala de **Idealização** obteve um valor baixo. Salienta-se a capacidade de suportar as descrições que faz com episódios enquadrados e consistentes, sendo poucas as vezes em que não o consegue fazer. Pode-se, então, afirmar que existe uma conformidade entre a percepção que o elemento feminino tem de si, do parceiro e da relação, e a representação das mesmas através de memórias ilustrativas específicas.

Por fim, na escala **Coerência** obteve uma pontuação classificada como alta. O elemento feminino apresenta um discurso preciso, compreensível e coerente ao longo da entrevista, mostrando-se como capaz de se manter focado nos tópicos, refletindo e integrando as suas experiências no contexto relacional. Em contrapartida, em vários momentos, nota-se uma menor fluidez e espontaneidade no discurso.

Seguem-se os resultados obtidos na IRI do **elemento masculino** da diáde. É de sublinhar que, em todas as escalas avaliadas da entrevista, o sujeito obteve uma pontuação quantitativa de três pontos, tendo todas as escalas sido classificadas como **moderadas**.

Na escala **Integração de Afeto Positivo e Negativo**, apresenta uma expressão de afeto negativo moderado, apesar deste não se assumir como um aspeto central na relação. Não obstante, é notória a ausência de integração emocional.

Na escala **Procura de Cuidados**, apresenta-se um padrão incoerente, sendo a procura mais visível quando os problemas são no seio da relação, face a problemas externos (e.g. trabalho). Nota-se uma baixa abertura para a expressão de vulnerabilidade, apesar de o demonstrar em alguns momentos. Em contrapartida, não é facilmente confortado.

Na escala **Prestação de Cuidados**, à semelhança da escala anterior, o padrão varia em função do tipo e da intensidade da situação/ temática (e.g. problemas dentro ou fora da relação). O elemento masculino é capaz de se assumir como base segura para o outro, mas não de um modo consistente, pelo que por vezes, a forma como tenta responder à vulnerabilidade da parceira não é a mais adequada face às suas necessidades.

Na escala **Intimidade Sexual** salienta-se a persistência em normalizar as questões de cariz sexual, quer ao nível da perceção de conforto, satisfação e disponibilidade, física e emocional. Ao longo do discurso, sobrepõem-se as descrições generalizadas às descrições mais específicas da relação.

Na escala **Desenvolvimento do Indivíduo vs Desenvolvimento da Relação**, globalmente, o elemento sente-se satisfeito com a relação, valorizando-a como promotora de crescimento pessoal. Apesar de referir uma complementaridade entre ambos os elementos da díade, não parece existir um equilíbrio real entre as necessidades individuais e da relação *per se*.

Relativamente à escala **Idealização**, existe alguma discrepância entre a representação do outro e da relação, e a apresentação de episódios específicos que a sustentem. Ou seja, elemento masculino não é capaz de evocar memórias nem justificar as representações que tem, recorrendo sempre a um discurso pouco específico e pouco personalizado.

Por fim, na escala **Coerência**, justifica-se o discurso ao longo de toda a entrevista como sendo pouco específico e muitas vezes vago. O sujeito não é capaz de manter um discurso fluido e, por vezes, não consegue responder ao tópico em questão, acabando por vaguear. Apesar disso, na globalidade, mantém uma coerência discursiva moderada.

3. COUPLE INTERACTION TASK | CIT

Os resultados da CIT em casal encontram-se apresentados na tabela 2. Em anexo, encontra-se uma tabela com a descrição e a categorização de todas as dimensões para uma melhor compreensão das mesmas (**cf. Anexo 4**).

Tabela 2. Resultados da *Couple Interaction Task*

Dimensão	Cotação	Classificação
Partilha de afeto positivo	3	Moderado
Partilha de afeto negativo	2	Baixo

Raiva	3	Baixo
Hostilidade	2	Baixo
Resolução de conflito	4	Moderado
Base segura	2	Baixo
Equilíbrio Assertividade <i>versus</i> Auto retraimento	3	Moderado/ Baixo
Equilíbrio Indivíduo <i>versus</i> Relação	5	Moderado/ Alto
Equilíbrio Relação <i>versus</i> Mundo	4	Moderado
Qualidade Global da Interação/ Relação	4	Moderado

A escala **Partilha de Afeto Positivo** é classificada como moderada. Ao longo da CIT é visível a reciprocidade de expressão de afeto positivo, como sorrisos e comportamentos de encorajamento, apesar de, por vezes, essa partilha não parecer ajustada à situação em causa. Tal pode ser considerado como uma possível estratégia redutora de stress face ao contexto de avaliação.

A escala **Partilha de Afeto Negativo** é classificada como baixa. Em alguns momentos da interação é visível a expressão de sentimentos negativos por parte de um dos elementos do casal, resultando na expressão de crítica, frieza e tensão pelo outro. Porém, estes sentimentos são rapidamente geridos por parte da díade, anulando o processo de escalada.

A escala **Raiva** é classificada com uma cotação baixa. Apesar de exíguas, são observáveis algumas expressões de frustração e impaciência, não sendo consideradas como influentes na cooperação e interação enquanto casal, uma vez que são rapidamente contidas.

A escala **Hostilidade** é classificada como baixa. Aquando a existência de algum tipo de distanciamento ou comportamento hostil por parte de um dos elementos da díade (dele principalmente), este é prontamente respondido como sensibilidade por parte do outro, através da tentativa de o trazer de novo para a interação. Denota-se aqui a capacidade de investimento.

A escala **Resolução de Conflito** é classificada como moderada. A falta de desafio mútuo, quando existe oportunidade para tal, resulta na inexistência de conflito, o que dificultou a avaliação desta escala. Não obstante, e na sua generalidade, o casal é capaz de trabalhar em conjunto e de colaborarem entre eles.

A escala **Base Segura** é classificada como sendo baixa. Espelha uma fraca capacidade, por parte dos elementos da díade, de se assumirem ou recorrerem ao outro como base segura. Não existe uma procura de cuidados e, quando existe, não é feita corretamente nem é dada uma

resposta satisfatória às necessidades do parceiro. Este desequilíbrio parece ser um tanto característico da relação, podendo ser justificado com a não ocorrência de ativação emocional.

A escala **Equilíbrio I: Equilíbrio Assertividade versus Auto Retraimento** é classificada como moderada/ baixa. O casal mostra alguma abertura no discurso, caracterizado por momentos de assertividade, mas o retraimento mantém-se predominante. Qualquer momento de partilha de ideias é rapidamente recuado pelo facto do outro não se mostrar disponível ou não estar a ouvir.

A escala **Equilíbrio II: Equilíbrio Indivíduo versus Relação** é classificada como moderada/ alta. Verifica-se uma boa interação enquanto casal, assim como a expressão de sentimentos, pensamentos e opiniões individuais. Apesar disso, em alguns momentos, a dinâmica não parece ser plenamente satisfatória para ambos os elementos, não sendo evidente a riqueza da mesma à partida.

A escala **Equilíbrio III: Equilíbrio Relação versus Mundo** é classificada como moderada. Algumas das tarefas propostas são terminadas muito antes de tempo instruído e realizadas de forma básica. Em contrapartida, outras tarefas constituem-se como sendo de maior dificuldade, nas quais o casal acaba por perder o foco ao longo do processo. Quando é necessário um dos elementos assumir um papel mais assertivo, como por exemplo na finalização de uma tarefa, são incapazes de o assumir. É observável um misto de cooperação entre a díade e desorganização.

Por fim, a escala **Qualidade Global da Interação/ Relação** é classificada como moderada. Conclui-se que a relação, no seu todo, é mais positiva que negativa, constituindo-se como promotora de crescimento pessoal e da relação. Existe um balanceamento entre os aspetos positivos e negativos na relação.

4. AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA

A frequência cardíaca de cada elemento da díade foi medida durante todo o protocolo da CIT. De modo a que os resultados fossem mais perceptíveis e mais acessíveis de serem analisados, procedeu-se à discriminação de cada momento da interação e, mais ainda, à divisão dos momentos de interação mais longos em três fases: fase inicial, intermédia e final. Esta divisão permite uma melhor observação da oscilação da frequência cardíaca individual dentro de cada um dos momentos de interação, sendo paralelamente possível a comparação das diferenças de FC entre ambos. Na **tabela 3** encontram-se apresentados os valores brutos de FC para cada

elemento da díade, por momento de interação, incluindo a *baseline* (para melhor compreensão, cf. Anexo 5, gráfico 1).

Tabela 3. Valores de frequência cardíaca durante cada momento de interação da CIT, por elemento da díade

Momento de Interação	Frequência Cardíaca (BPM)			
	Ele		Ela	
	<i>M</i>	$\pm DP$	<i>M</i>	$\pm DP$
Baseline	59,992	6,989	93,468	7,724
Escolha e discussão do problema				
Inicial	61,117	10,27	87,19	7,908
Intermédio	59,295	8,026	91,91	11,492
Final	57,093	7,416	94,169	13,496
Resumo da solução do problema				
Inicial	59,535	5,502	98,357	10,777
Intermédio	64,817	21,824	96,651	14,15
Final	59,671	8,072	95,936	14,913
Discussão dos aspetos que causam menos discórdia na relação				
Inicial	55,068	5,398	91,502	8,338
Intermédio	58,595	7,827	93,629	13,008
Final	57,972	8,016	93,055	11,323
Tarefa de Casal				
Inicial	57,305	6,893	94,725	11,649
Intermédio	57,093	7,19	90,514	11,851
Final	57,383	6,486	86,9	9,398

BPM = batimentos por minuto

A leitura da tabela 3 permite constatar que, observando os valores *baseline*, existe uma diferença acentuada no padrão de frequência cardíaca individual. O elemento feminino apresenta uma média de frequência cardíaca de 93,4 batimentos por minuto, contrastando com o elemento masculino que apresenta uma média de 59,9 batimentos por minuto, ambos durante a *baseline*, onde não existe ativação. Atendendo a estas diferenças iniciais, é expectável que, ao longo da tarefa de casal, o padrão de FC do elemento feminino se mantenha mais elevado em comparação com o do elemento masculino, não obstante as oscilações possíveis.

No momento de “**Escolha e Resolução do Problema**”, o elemento feminino é aquele que apresenta uma maior variabilidade cardíaca, manifestada através de uma proporcionalidade direta entre os intervalos do momento de interação, e a FC (i.e. à medida que o tempo de interação aumenta, a média de FC aumenta). No elemento masculino, a oscilação de FC é quase neutra, mantendo-se mais ou menos estável em todo o momento.

As maiores e mais visíveis alterações cardíacas ocorrem durante o momento de “**Resumo da solução do problema**” (atentar aos valores salientados a vermelho). Atendendo na tabela 3, é possível observar que ambos os elementos da díade apresentam o maior pico de FC e também de oscilação da mesma ($M_{\text{elemento_masculino}} = 64,817$ e $DP = 21,824$; $M_{\text{elemento_feminino}} = 93,357$ e $DP = 14,913$). Durante a interação do casal neste momento, percebeu-se uma dificuldade em resumirem a resolução encontrada para o problema em questão, talvez por não parecer ser a mais aceitável para ambos os elementos, transmitindo algum desconforto, pouca iniciativa de iniciar a tarefa e alguns comportamentos de distanciamento e hostilidade, mais por parte do elemento masculino. Estes valores, apesar de serem significativos, não excluem a possibilidade de ocorrência de algum ruído na recolha dos dados.

No momento de “**Discussão dos aspetos que causam menos discórdia na relação**” observa-se um ligeiro aumento de FC em ambos os elementos da díade, desde o intervalo inicial até ao final, apesar deste não ser significativo. Importa referir que, para ambos os elementos do casal, o intervalo intermédio é aquele onde existe uma maior resposta cardíaca, ou seja, onde a média de FC é mais elevada.

Por fim, durante a “**Tarefa de Casal**”, a maior variabilidade cardíaca é manifestada pelo elemento feminino, através de uma proporcionalidade inversa entre os intervalos do momento de interação, e a FC (i.e. à medida que o tempo de interação aumenta, a média de FC diminui). No elemento masculino, a FC mantém-se neutra ao longo de toda a tarefa, não existindo qualquer tipo de alteração significativa.

Dados os resultados acima descritos, é possível afirmar que, globalmente, o elemento feminino é aquele que apresenta uma maior variabilidade cardíaca ao longo de todo o protocolo da CIT, em contraste com o elemento masculino, que é caracterizado por uma maior neutralidade.

Em anexo (cf. **Anexo 5**) encontram-se os gráficos ilustrativos da FC ajustada à *baseline*, ou seja, são apresentadas as percentagens de alteração de FC de cada elemento da díade, comparativamente à *baseline*, para cada momento de interação. De um modo geral, é possível observar que o elemento masculino apresenta uma percentagem de diminuições de FC ajustada maior que o elemento feminino e este, em contrapartida, apresenta mais aumentos de FC em comparação com a *baseline*. Isto pode indicar alguma descontração por parte do elemento masculino durante a tarefa, e uma maior ativação por parte do elemento feminino.

5. SÍNTESE DE RESULTADOS

Nesta secção apresenta-se uma síntese dos resultados obtidos em cada instrumento, para cada elemento do casal, de modo a serem melhor interpretados e compreendidos. Os resultados sumarizados encontram-se abaixo na tabela 4.

Tabela 4. Síntese de Resultados

	Elemento masculino	Elemento feminino
AAI	Desligado	Seguro
IRI⁵	Emaranhada	Balanceada
CIT⁶	Balanceada	Balanceada
Frequência Cardíaca	Padrão de FC caracterizado por neutralidade	Padrão de FC caracterizado por variabilidade

Atentando aos resultados apresentados, é possível afirmar que existe **continuidade** entre o MID geral e o MID específico no elemento **feminino**, uma vez que é classificado como **seguro** na organização da vinculação, dando continuidade a esta assumindo-se como **balanceado** ao nível da representação da relação íntima (Lima, 2009). Assumindo um posicionamento de continuidade, seria expectável que o elemento **masculino** assumisse uma posição de organização desligada na IRI. Não o sendo, estamos perante a **continuidade da organização ao nível da insegurança**, estando presente uma reorganização do ponto de vista discursivo da sua organização.

Na dimensão comportamental, ambos os elementos da díade são classificados com uma interação **balanceada** (Lima, 2009), o que remete para uma **continuidade** no elemento feminino, mas uma visível **descontinuidade** no elemento masculino. Durante a interação, o padrão de FC do elemento feminino é caracterizado por uma grande **responsividade e variabilidade**, em contraste com o padrão de FC do elemento masculino, pautado pela **neutralidade**.

⁵ Referenciando os *clusters* da IRI, obtidos no trabalho de Lima (2009), na organização **emaranhada** inserem-se os indivíduos que apresentem uma representação da organização caracterizada por níveis médios de coerência, do eixo dos cuidados e de intimidade sexual. A organização **balanceada** caracteriza-se pela coerência na representação da relação íntima, valorização da intimidade e níveis altos no eixo dos cuidados.

⁶ Segundo os *clusters* da CIT presentes no trabalho de Lima (2009), uma **interação balanceada** caracteriza-se por uma qualidade geral de interação classificada como elevada, baixa expressão emocional negativa e uma notória capacidade de equilíbrio entre as necessidades próprias, as do outro e as da relação.

CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÕES FINAIS

1. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Considerando os objetivos específicos do presente estudo, a discussão de resultados organizar-se-á do seguinte modo: num primeiro momento será feita a análise da relação entre a organização da vinculação e a representação da relação íntima, atentando ao MID geral e ao MID específico; seguidamente, será analisada a relação entre o padrão/ variância de frequência cardíaca e a organização da vinculação, considerando em particular cada elemento do casal; por fim, será analisada a forma como o padrão/ variância de frequência cardíaca se evidencia, aquando o momento de interação diádica. Finda a discussão dos resultados mais relevantes, apresentar-se-ão as principais conclusões e limitações do estudo, assim como propostas para investigações futuras.

Compreender de que modo a organização da vinculação se relaciona com a representação da relação íntima (MID geral e MID específico)

Os resultados do presente estudo indicam que a qualidade da representação da vinculação está positivamente associada à qualidade da representação da relação íntima, assim como defende a literatura (e.g. Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990; Lima, 2009). De modo concreto, indivíduos classificados como seguros tendem a apresentar narrativas mais coerentes, maior valorização da intimidade, melhor perceção de si e do outro como capazes de se assumirem como bases seguras, assim como representações de si e do companheiro como capaz de procurar e prestar cuidados (Lima, 2009). Por outro lado, indivíduos classificados como desligados apresentam um discurso pautado pela incoerência, e tendencialmente apresentam uma desvalorização da importância das relações íntimas, assumindo-se como independentes e autodeterminados face à relação e ao outro (Lima, 2009). Estas crenças funcionam como um *trigger* para a utilização de estratégias de desativação como um mecanismo de defesa (Bowlby, 1980; Simpson & Rhodes, 2017).

Atentando aos resultados dos elementos da díade, primeiramente ao elemento feminino classificado como seguro, verifica-se uma valorização das relações de vinculação na infância através da AAI, assim como o reconhecimento das mesmas como promotoras de desenvolvimento pessoal. Para além disso, o elemento feminino refere-se aos pais como bases seguras e bons prestadores de cuidados, ainda que não passasse muito tempo com eles, referindo

que “a profissão também não possibilitava”. Considerando estes resultados, é expectável que este apresente uma representação da relação mais positiva, integre as experiências de forma refletida e perceciono o outro como capaz de procurar e prestar cuidados. Atentando à narrativa do elemento feminino, aquando a IRI, entende-se que à segurança da AAI está associada a capacidade de integração coerente das diferentes tonalidades afetivas, visível na expressão de sentimentos positivos ao outro, e no controlo e integração organizada dos momentos potenciadores de emocionalidade negativa. Associa-se também a descrição episódica da partilha de afetos físicos e verbais entre a díade, sendo este ponto associado a uma organização segura caracterizada por vivências afetivas mais positivas (Brennan & Shaver, 1995). Salienta-se, igualmente, a capacidade de procurar cuidados, assumindo a sua vulnerabilidade perante o parceiro, assim como a de prestar cuidados ao outro, recorrendo-lhe como base segura e assumindo-se ante ele como tal (Crowell et al., 2002). Segundo Cassidy (2001), o estabelecimento de uma boa intimidade advém, precisamente, da experiência de base segura, de percecionar o outro como disponível e do sentimento de segurança e pertença na relação. Neste sentido, quanto à intimidade sexual, o elemento manifesta abertura e à vontade para refletir sobre as questões de índole sexual no seio da relação, demonstrando-se confortável com a intimidade (Simpson & Rholes, 2017) ainda que seja notória alguma reticência em abordar sentimentos e emoções relativos a esta dimensão.

Relativamente ao elemento masculino, verifica-se através da AAI que este apresenta uma organização da vinculação caracterizada como desligada. Sublinha-se a desativação do sistema de vinculação e alguma desvalorização das relações de vinculação que teve na infância, assim como uma forte incoerência discursiva, não sendo capaz de ilustrar episodicamente as descrições que faz. O elemento masculino assume-se como alguém bastante independente, recorrendo várias vezes a estratégias de normalização de sentimentos e emoções. Expectavelmente, espera-se que este se apresente pouco confortável com a proximidade e intimidade face ao outro, assim como menos capaz de se assumir como base segura e percecionar o outro como tal, apresentando dificuldades na procura e prestação de cuidados (Lima 2009; Simpson & Rholes, 2017; Collins & Read, 1990). Observando os resultados da IRI, constata-se que o sujeito apresenta valores intermédios em todas as escalas, estando associado ao padrão desligado a incapacidade de integrar de modo coerente as experiências com o outro, não sendo estas vistas como promotoras de desenvolvimento pessoal. Atentando às escalas do eixo dos cuidados, verifica-se um padrão incoerente de procura e prestação de cuidados, traduzido na dificuldade em expressar vulnerabilidade ao outro e em ser confortado por este, assim como na forma inconsistente como presta cuidados, não respondendo às

necessidades do parceiro (Faria et al., 2009). Na escala da intimidade sexual, nota-se a tentativa de normalização da relação sexual a todos os níveis, não sendo capaz de a descrever idiossincraticamente, mas sim recorrendo a descrições mais gerais.

Os resultados obtidos permitem considerar existir uma continuidade na representação da vinculação (MID geral e MID específico) no elemento feminino classificado como seguro, apresentando uma representação da vinculação balanceada. Relativamente ao elemento masculino, esta continuidade não é tão linear, dado que ao ser desligado ao nível da organização, seria expectável este apresentar-se como desligado ao nível da organização da representação, o que não acontece. Não obstante, estamos perante uma continuidade ao que à insegurança diz respeito, uma vez que apresenta uma organização da vinculação desligada, e uma representação da relação íntima caracterizada como emaranhada. De modo global, estes dados são consentâneos com os de Crowell e Waters (2005) e Crowell, Treboux & Waters (2002), relativos à (des)continuidade dos padrões de vinculação, os quais consideram a possibilidade da continuidade do modelo interno dinâmico geral e específico à relação íntima como aquela mais credível, face à sua descontinuidade, não sendo esta impossível.

Analisar de que modo as alterações de frequência cardíaca, num momento de interação diádica, se relacionam com a organização da vinculação de cada elemento do casal.

Atentando aos dados e resultados expostos na literatura referentes às respostas fisiológicas em contexto de interação diádica na idade adulta (e.g. Dozier & Kobak, 1992; Roisman et al., 2004; Soares et al., 2001), é possível supor a existência de um perfil de resposta fisiológica um tanto característico de cada padrão de vinculação, não sendo este linear.

Atentando, em primeira instância, aos resultados exclusivamente relacionados à interação diádica e organização de vinculação, estudos empíricos sugerem que, em contexto de relações amorosas, a qualidade da interação e dos comportamentos observados no seio da relação íntima, está associado à qualidade da representação da relação e, deste modo, ao padrão de vinculação de cada elemento da díade (Crowell et al., 2002; Roisman et al., 2001). Especificamente, indivíduos classificados como seguros tendem a experienciar uma interação com o outro mais positiva, caracterizada pela expressão de afeto positivo e pela reduzida existência de tonalidade negativa (i.e. raiva, hostilidade). Dado que a qualidade da interação da díade está associada à riqueza e complexidade do processo de resolução de conflito e de negociação (Lima, 2009), este processo é percecionado como satisfatório para a díade em

indivíduos seguros. Contrariamente, é expectável que indivíduos desligados apresentem tentativas de evitamento no envolvimento com o outro, acabando por se retrair (Faria et al., 2009), utilizando estratégias de inibição/ desativação do sistema de vinculação.

Posto isto, e atentando primeiramente ao elemento feminino da díade, é possível afirmar que à segurança da vinculação do mesmo está associado um padrão de reatividade cardíaca notório, traduzido em aumentos e diminuições de FC face à linha de base, no decorrer de toda a CIT. Indivíduos classificados como seguros na AAI, tendem a experienciar uma ativação do sistema de vinculação aquando a narrativa dos acontecimentos na sua infância, sendo esta ativação associada a diferentes tonalidades emocionais e diferentes sentimentos, influenciando assim os padrões de FC, o que é observável no elemento feminino. É notória a expressão de emocionalidade positiva por parte do elemento feminino na interação diádica, na tentativa de promover uma tarefa de casal mais positiva, mantendo os esforços para anular a escalada de tonalidades negativas do outro, levando assim, à oscilação da FC em diferentes momentos da CIT.

Em contrapartida, e observando os resultados do elemento masculino, relacionado com a caracterização desligada do mesmo, associa-se um padrão neutro de frequência cardíaca em todo o momento de interação diádica, não sendo visíveis oscilações significativas. Comportamentalmente, evidencia-se a tentativa de contornar os assuntos mais problemáticos da tarefa, não lhes atribuindo grande importância e descartando responsabilidade de alguns pontos negativos na relação. Para além disso, percebe-se a baixa capacidade de se assumir como base segura para o outro, tentando normalizar as situações e as expressões de vulnerabilidade. Estes resultados vão de encontro aos de Beijersbergen et al. (2008), que associam valores mais baixos de variância cardíaca em indivíduos classificados como desligados, indicativos de níveis de menor *stress*. Perante isto, existe a hipótese dos baixos níveis de variância cardíaca estarem associados às estratégias defensivas/ inibitórias e de desativação do sistema de vinculação, características de indivíduos desligados (Roisman et al., 2004).

Resumidamente, os resultados obtidos neste estudo permitem afirmar que o elemento feminino, classificado como seguro, apresenta uma ativação do sistema de vinculação aquando o momento de interação diádica, resultando numa variabilidade de frequência cardíaca coerente com as características de vinculação. Deste modo, à segurança da vinculação, associa-se um perfil de FC variado. Relativamente ao elemento masculino, classificado como desligado, este apresenta um padrão de FC caracterizado como neutro, não sendo visíveis oscilações significativas aquando a interação com o outro. Neste sentido, à organização desligada, associa-se um perfil de variância de FC neutro.

Compreender a forma como as alterações da frequência cardíaca se evidenciam, aquando os dois momentos centrais da Couple Interaction Task, sendo eles o momento de resolução de conflito, e o momento de negociação.

Os resultados obtidos na CIT permitem caracterizar o casal em estudo como tendo uma interação balanceada (Lima, 2009). É possível avaliar a qualidade global da interação como moderada/ alta, apresentando uma baixa tonalidade emocional negativa e uma partilha de afeto positivo moderada. Para além disso, o casal apresenta uma elevada capacidade em balancear as necessidades individuais, do outro e da relação *per se*, assim como uma boa capacidade de resolução de conflito. Não obstante as características positivas, a classificação da dimensão “Base Segura” da CIT é definida como baixa, refletindo uma fraca capacidade por parte dos elementos de recorrerem ao outro como base segura, ou de se assumirem ante ele como tal.

No **primeiro momento de resolução de conflito**, aquando a “Escolha e discussão do problema”, o casal não foi capaz de definir à primeira o maior problema na relação deles, o que desde logo suscitou no elemento masculino alguma expressão de afeto negativo perante o outro – acabando por ser atenuado pelo elemento feminino –, assim como a baixa capacidade de tomada de decisão e de definição de soluções exequíveis do problema em questão. Dadas as ocorrências neste momento de interação, seria expectável que o elemento caracterizado como desligado apresentasse um aumento do padrão de FC face à linha de base, derivado do *stress* causado pela situação e pela incapacidade em recorrer às estratégias defensivas/ desativadoras, apresentadas antes no padrão de vinculação (Roisman, 2007; Beijersbergen et al., 2008). Os resultados obtidos são contrários aos apresentados pela literatura, não sendo visíveis oscilações significativas da média de FC, nem em comparação à média de FC ajustada à *baseline*, nem à média inicial (cf. **Anexo 5, gráfico 2**). Denote-se apenas um ligeiro aumento de FC no intervalo inicial do momento de “Escolha e discussão do problema”, por parte do elemento masculino, sendo que no intervalo intermédio e no final ocorre uma diminuição de FC face à linha de base, não sendo esta significativa. O elemento feminino também não apresentou uma grande variância cardíaca, sendo apenas notória uma diminuição de FC no intervalo inicial.

O momento de interação que suscita mais alterações cardíacas na díade é durante o “Resumo da solução do problema” (cf. **Anexo 5, gráfico 2**). Durante esta tarefa, o casal teve algumas dificuldades em resumir a solução que tinham encontrado para o problema definido, acabando por discutir a solução rapidamente, não ocupando os minutos todos que lhes tinha sido atribuídos, ficando algum tempo em silêncio. Aqui, o resultado do elemento masculino vai de encontro ao de Roisman (2007) e Beijersbergen e cols. (2008), onde existe um aumento significativo da FC no intervalo intermédio do momento em questão, possivelmente por este

não saber lidar com a tarefa que lhe estava a ser apresentada, causando *stress* (visível na expressão não verbal – abana a perna, começa a desviar o olhar do outro). No elemento feminino, o aumento de FC é mais evidente no intervalo inicial do momento, podendo dever-se ao facto de ter sido esta a iniciar a tarefa, a pedido do elemento masculino, causando alguma ansiedade.

No último momento da resolução de conflito, a “Discussão dos aspetos que causam menos discórdia na relação” (cf. **Anexo 5, gráfico 3**), não são visíveis alterações no padrão de FC face à linha de base. Em todos os intervalos, o valor da média de FC mantém-se semelhante ao valor *baseline*, à exceção do elemento masculino que exhibe uma diminuição da FC no intervalo inicial. Durante a discussão dos aspetos mais positivos, o casal foi capaz de descrever de forma calma e coerente os aspetos em questão, dirigindo reciprocamente uma tonalidade emocional positiva, estando esta associada a uma menor probabilidade de aumento de FC (Roisman, 2007).

Por fim, no **segundo momento central da CIT, caracterizado pela negociação**, e traduzido pela “Tarefa de Casal” (cf. **Anexo 5, gráfico 4**), o resultado que mais se evidencia é a neutralidade da resposta cardíaca do elemento masculino, visível na linearidade da média de FC em toda a tarefa ($M = 57$, em todos os intervalos da tarefa). No elemento feminino, verifica-se uma diminuição linear da média de FC no decorrer da tarefa, de uma forma proporcional. Indivíduos classificados como seguros tendem a evidenciar uma maior capacidade de negociação, comparativamente a elementos inseguros (Lima, 2009), o que pode ter sido um ponto favorável na entrega à tarefa do elemento masculino.

Atentando de um modo geral aos resultados obtidos, verifica-se que o elemento feminino, classificado como seguro, apresenta um maior número de aumentos de FC ao longo da interação diádica, em comparação ao elemento masculino que, na globalidade da interação, apresenta um padrão neutro de resposta cardíaca. Conclui-se que os resultados obtidos no elemento desligado, na sua generalidade (excluindo dois intervalos), contradizem os dados obtidos em estudos anteriores (Roisman, 2007; Beijersbergen et al., 2008). Não obstante, segundo Roisman (2007), indivíduos cujos parceiros são capazes de expressar uma maior emocionalidade positiva, durante a interação diádica, apresentam uma menor probabilidade de experienciar aumentos de FC. Estes dados verificam-se no presente casal, dado que o elemento feminino constitui-se como capaz de expressar afetos positivos perante o elemento masculino, acabando este por demonstrar menos aumentos no padrão de FC. Em contrapartida, dada a ativação comportamental associada à organização segura, seria expectável que o elemento feminino apresentasse mais aumentos de FC em comparação ao elemento masculino (Roisman

et al., 2004; Dozier & Kobak, 1992). O mesmo é consonante com os resultados do presente estudo, sendo visível os aumentos de FC do elemento feminino, em todo o protocolo da CIT.

Após a interpretação dos principais resultados, este estudo de caso corrobora os resultados apresentados por Dias (2007) e Klein (2007), não sendo possível associar a organização da vinculação a um padrão específico de FC, ainda que os perfis de resposta cardíaca sejam diferentes em ambos os elementos. Do mesmo modo, atentando a qualidade de interação diádica, corrobora os resultados obtidos por Holland e Roisman (2010), não sendo visíveis associações significativas entre o perfil de resposta de FC e a qualidade da interação.

2. LIMITAÇÕES E PROPOSTAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Considerando o presente estudo, entende-se que este não está livre de limitações. Apesar deste estudo tentar permitir a análise da frequência cardíaca num momento de interação diádica, questões relacionadas com o *setting* impõem-se. O facto de a díade percecionar a tarefa como sendo alvo de estudo, o setting artificial e iminentemente laboratorial, e a existência de possíveis ruídos na recolha de dados psicofiológicos, constituem-se como variáveis potenciadoras de resultados enviesados. Uma outra limitação importante deve-se ao facto dos dados de FC não terem sido recolhidos aquando a realização da AAI, o que impossibilitou uma compreensão global do perfil de resposta cardíaca de ambos os elementos da díade, uma vez que só foram recolhidos dados aquando um momento de interação diádica, não sendo conhecido o perfil fisiológico num momento de foco individual.

A primeira proposta de investigação futura, assenta na necessidade e importância da continuidade do estudo das dimensões psicofisiológicas, mais concretamente da frequência cardíaca. Propõe-se a medição de FC aquando a realização da AAI (Roisman, 2007) e da IRI, como medidas de avaliação individuais, dado que seria interessante comparar posteriormente aos dados recolhidos durante a CIT, de modo a perceber a (in)coerência do perfil de responsividade cardíaca entre momentos de foco mais individual, e de interação diádica. Seria também interessante associar a FC à expressão emocional no decorrer da CIT, de modo a perceber se a expressão facial de emoções era congruente com a variância de frequência cardíaca. Uma perspectiva longitudinal do estudo seria uma mais valia para esta investigação, com o objetivo de avaliar melhor a continuidade, ou descontinuidade dos padrões de vinculação, compreendendo a complexidade co-construtiva das trajetórias individuais e em casal (Lima, 2009). No contexto clínico, seria interessante estudar as variáveis em estudo, mais

concretamente a FC, com uma amostra de casais em processo terapêutico, no seguimento do trabalho já realizado por Amorim (2013).

Considerando a lacuna na atual literatura no que ao estudo da FC concerne, esta carecerá de continuidade na investigação associada às variáveis da vinculação, de forma a criar um corpo teórico mais robusto. Neste sentido, o presente estudo apresenta um caráter inovador, associando a variável da FC ao contexto de interação diádica, assumindo-se como possível ponto de partida para investigações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1977). Infant development and mother-infant interaction among Ganda and American families. In P.H. Leiderman & S. Tulkin (Eds.), *Culture and infancy: Variations on human experience*. New York: Academic Press.
- Ainsworth, M. (1985). Attachment across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812.
- Amorim, J. C. G. (2013). *Interação diádica em processo terapia de casal*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.
- Beijersbergen, M., Bakermans-Kranenburg, M., van IJzendoorn, M. & Juffer, F. (2009). Stress regulation in adolescents: Physiological reactivity during the Adult Attachment Interview and conflict interaction. *Child Development*, 79, 1707–1720.
- Blum, D. (2002). *Love at Goon Park: Harry Harlow and the science of affection*. Cambridge: Perseus Publishing.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 1-23.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss: Attachment* (2nd edition). London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Sadness and Depression*. New York: Basic Books.
- Brennan, K. & Shaver, P. (1995). Dimensions of adult attachment affect regulation and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-283.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Canavarro, M., Dias, P. & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-r (AAS-r) na população portuguesa. *Psicologia*, 155-186.

- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Cassidy J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 121–155.
- Cavanhaug, J. & Blanchard-Fields, F. (2005). *Adult development and aging*. Belmont: Wadsworth Publishing.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, N., Ford, M., Guichard, A. & Allard, L. (2006). Working Models of Attachment and Attribution Processes in Intimate Relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32. 201-219. doi: 10.1177/0146167205280907.
- Couto, M., Farate, C., Ramos, S. & Fleming, M. (2011). A metodologia Q nas Ciências Sociais e Humanas: O resgate da subjetividade na investigação empírica. *Psicologia – Edições Colibri*, XXV(2), 7-21.
- Crowell, J.A. & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 4, 294-327.
- Crowell, J. & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In Clulow, C. (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy: the 'secure base' in practice and research*. (pp. 28-42). Sussex: Brunner-Routledge.
- Crowell, J. & Waters, E. (2005). Attachment representations, secure-base behavior and the evolution of adult relationships: The Stony Brook Adult Relationship Project. In K.E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. New York: The Guilford Press.
- Crowell, J., Fraley, R. & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.

- Crowell, J., Treboux, D. & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: The transition to marriage. *Developmental Psychology* 38, 467-479.
- Dias, P. (2007). *Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Dozier, M. & Kobak, R. (1992). Psychophysiology in attachment interviews: Converging evidence for deactivating strategies. *Child Development*, 63, 1473–1480.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I. & Klein, J. (2009). Vinculação na idade adulta. In Soares, I. (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (2a ed., pp. 121-158). Braga: Psiquilibrios.
- Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355- 377). New York: Guilford Press.
- Fowles, D. (1980). The three arousal model: Implications for Gray's two-factor learning model for heart rate, electrodermal activity, and psychopathy. *Psychophysiology*, 17, 87–104.
- Fortuna, K., Holland, A. S., Roisman, G. I., Haydon, K. C., & Groh, A. M. (2011). Attachment States of Mind and the Quality of Young Adults' Sibling Relationships. *Developmental Psychology*, 47(5), 1366-1373. doi:10.1037/a0024393.
- Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154.
- Fuertes, A. (2000). Relaciones afectivas y satisfacción sexual en la pareja. *Revista de Psicología Social*, 15, 343-356.
- George, C., Kaplan, N. & Main, M. (1984). *Attachment interview for adults*. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley.
- Haydon, K. C., Collins, W. A., Salvatore, J. E., Simpson, J. A., & Roisman, G. I. (2012). Shared and Distinctive Origins and Correlates of Adult Attachment Representations: The

- Developmental Organization of Romantic Functioning. *Child Development*, 83(5), 1689-1702. doi:10.1111/j.1467-8624.2012.01801.x.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hesse, E. (1996). Discourse, memory, and the Adult Attachment Interview: a note with emphasis on the emerging cannot classify category. *Infant Mental Health Journal*, 17, 4-11.
- Holland, A. & Roisman, G. (2010). Adult Attachment Security and Young Adults' Dating Relationships Over Time: Self-Reported, Observational, and Physiological Evidence. *Developmental Psychology*, 46(2), 552-557.
- Holmes, J. (1993). *John Bowlby and attachment theory. Attachment theory and Psychotherapy*. London: Routledge.
- Kiecolt-Glaser, J., McGuire, L., Robles, T. & Glaser, R. (2002). Psychoneuroimmunology: Psychological influences on immune function and health. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70, 537-547.
- Klein, J. (2007). *Psychophysiological Correlates of Attachment Organization: Linear and non-linear analysis of autonomic regulation during the Adult Attachment Interview* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Kobak, R. (1993). *The Attachment Q-Sort*. Manuscrito não publicado. University of Delaware.
- Lima, V. S. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interacção diádica em adultos*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20(1), 51-63.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points*

- of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial No. 209), 66-104.
- Malekpour, M. (2007). Effects of attachment on early and later development. *The British Journal of Developmental Disabilities, 53*(2), 81-95.
- Martins, C., Soares, I. & GEV (2009). Contributos metodológicos para a investigação em vinculação: Métodos e instrumentos de avaliação. In Soares, I. (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (2^a ed., pp. 265-268). Braga: Psiquilibrios.
- Mikulincer, M. & Shaver, P.R. (2007). *Attachment in Adulthood, Structure, Dynamics and Change*. New York: The Guilford Press.
- Roisman, G. (2007). The psychophysiology of adult attachment relationships: Autonomic reactivity in marital and premarital interactions. *Developmental Psychology, 43*, 39–53.
- Roisman, G., Tsai, J. & Chiang, K. (2004). The emotional integration of childhood experience: Physiological, facial expressive, and self-reported emotional response during the adult attachment interview. *Developmental Psychology, 40*, 776–789.
- Schaie, W. & Willis, S. (2002). *Adult development and aging*. London: Prentice Hall.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2014). Attachment bonds in romantic relationships. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, M. Mikulincer, P. R. Shaver (Eds.), *Mechanisms of social connection: From brain to group*. Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/14250-016.
- Silva, N. (2014). *TV*. (Dissertação de Mestrado Não Editada). Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Gaia.
- Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*(5), 971-980.
- Simpson, J. & Rholes, W. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current Opinion in Psychology, 13*, 19-24.

- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (2a ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Soares, I., Martins, E. C. & Tereno, S. (2009). Vinculação na infância. In Soares, I. (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (2^a ed., pp. 47-98). Braga: Psiquilibrios.
- Soares, I., Marques, M., Martins, C., Figueiredo, B., Jongenelen, I. & Matos, R. (2001). Gravidez e maternidade na adolescência – um estudo longitudinal. In M. C. Canavarro (Coord.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 359-407). Coimbra: Quarteto.
- Sroufe, A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W.A. (2005). *The Development of the Person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: The Guilford Press.
- Sroufe, L., & Waters, E. (1977a). Heart rate as a convergent measure in clinical and developmental research. *Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development*, 23(1), 3-27. Consultado em: <http://www.jstor.org/stable/23083894>.
- Sroufe, A. & Waters, E. (1977b). Attachment as an Organizational Construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Stake, R.E. (1994). Case Studies. In N.K. Denzin & Y.S Lincoln (Eds). *Handbook of Qualitative Research* (pp.236-247). Thousand Oaks: Sage Publications.
- van Ijzendoorn, M. & Bakermans-Kranenburg, M. (1996). Attachment and representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-21.
- Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, H. & Waters, E. (2006). The attachment working models' concept: among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197.

ANEXOS

ANEXO 1

CONSENTIMIENTO INFORMADO

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, aceito colaborar nos estudos *Vinculação, alterações fisiológicas e relações de cariz íntimo na idade adulta e Vinculação e expressões faciais nas relações íntimas na idade adulta*, inseridos no mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, realizados por Maria Corte-Real e Maria Rodrigues.

Os presentes estudos têm como principais objetivos (1) perceber qual a influência que a organização da vinculação tem sobre a representação da intimidade e sobre as alterações fisiológicas e (2) compreender de que forma as representações da vinculação na idade adulta afetam a percepção das emoções, e se estas influenciam a qualidade das relações de cariz íntimo.

Declaro que compreendi a explicação que me foi dada sobre os estudos em questão, e que tive a oportunidade para colocar questões e esclarecer dúvidas acerca do mesmo.

Tomei conhecimento que a participação neste estudo é voluntária, e inclui a realização de duas entrevistas e uma interação de casal, as quais autorizo que sejam gravadas em registo áudio e vídeo. Tomei também conhecimento e compreendi que durante a interação de casal ser-me-ão colocados três elétrodos, destinados à recolha de dados de natureza psicofisiológica, relativos à frequência cardíaca e condutância da pele. Este é um procedimento não invasivo e não doloroso.

Declaro que me foi dada a garantia de que os dados recolhidos serão totalmente confidenciais, e autorizo a divulgação científica dos resultados obtidos, desde que salvaguardado o total anonimato dos mesmos e sem prejuízo pessoal de cariz ético ou moral.

Fui ainda informado/a que posso, a qualquer momento, recusar a minha participação no estudo, sem com isso sofrer qualquer tipo de penalização ou prejuízo pessoal.

Data: ____/____/____

O Participante,

ANEXO 2

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASAL



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASAL

IDENTIFICAÇÃO

Feminino		Masculino	
Nome:		Nome:	
Idade:		Idade:	
Estado Civil:		Estado Civil:	
Habilitações Literárias:		Habilitações Literárias:	
Profissão:		Profissão:	
Obteve diploma de pós-graduação?		Obteve diploma de pós-graduação?	
Sim	Não	Sim	Não
E-mail:		E-mail:	
Contacto:		Contacto:	
<hr/>			
Morada:			
<hr/>			



CARACTERIZAÇÃO DO CASAL

Há quanto tempo estão numa relação? _____ anos e _____ meses

Há quanto tempo vivem juntos? _____ anos e _____ meses

Casamento _____ União de facto _____

Qual o tipo da vossa relação?

Outra _____ Qual? _____

ANEXO 3

IRI: ESCALAS – EXEMPLOS DE DISCURSO – ELEMENTO FEMININO E MASCULINO

IRI: ESCALAS - EXEMPLOS DE DISCURSO - Elemento feminino

Dimensão	Cotação	Classificação	Exemplo de discurso
Integração de Afeto Positivo e Negativo	4	Alto	Emocionalidade positiva <i>“E também quando algum de nós está em baixo está lá sempre o outro para apoiar.”; “mas ele tem uma coisa muito boa, que ele é muito carinhoso e muito atencioso, que é uma coisa que eu valorizo muito nele, acaba mais por ser por aí”.</i>
Prestação de Cuidados (Caregiving)	3	Moderado	Emocionalidade negativa <i>“só que depois chega ao ponto em que ele se chateia e começa a falar um bocadinho mais alto comigo, e então aí sou eu que fujo. E acaba por ser um bocadinho assim, nós nunca conseguimos esclarecer muito bem uma coisa, mas depois aquilo passa logo.”</i> <i>“Há alturas em que ele guarda as coisas para ele e eu tenho de estar ali a puxar por ele, quase a sacar-lhe a saca rolhas, para saber o quê que se passa”; “só que a maneira como eu tento resolver as coisas... não sei, porque eu tento falar com ele, tentar esclarecer as coisas logo ali, só que às vezes as coisas não podem ser esclarecidas na hora, só que depois eu fico ali a sofrer muito por antecipação e quero esclarecer tudo na hora”</i>
Procura de Cuidados (Careseeking)	4	Alto	<i>“Normalmente sim, desabafo muito com ele sobre essas coisas. Quando tenho alguns problemas no trabalho, ou por exemplo discussões... ainda há pouco tempo tive um problema lá, e a primeira coisa que eu faço é falar com ele e dizer-lhe tudo o que se passou para descarregar um bocadinho, para desnuviar. Lá está, acabo sempre por lhe dizer tudo o que se passa”</i>

Intimidade Sexual	3	Moderado	<i>"nós temos uma boa relação, obviamente que como qualquer casal há alturas em que estamos melhor ou que estamos pior, mas regra geral temos uma vida sexual normal"; "acho que ainda há ali algumas coisinhas que... mesmo ao nível de comunicação ainda há uma coisa ou outra que se calhar ainda é um bocadinho tabu, que se calhar nem deveria ser"; "considero que é uma relação normal, pelo menos sinto-me satisfeita quer a nível físico como emocional"</i>
Desenvolvimento do indivíduo vs. Desenvolvimento da relação	4	Alto	<i>"E nós sabemos isso, quando temos algum problema sabemos que ele está ali ao nosso lado, independentemente do que for preciso."; "eu considerava-me uma pessoa muito fria quando era mais pequena, e acho que aprendi com o J. a ser um bocadinho mais afetuosa"; "Se calhar às vezes podíamos comunicar um bocadinho mais, mas não o fazemos"</i>
Idealização	2	Baixo	
Coerência	3	Alto	

IRI: ESCALAS - EXEMPLOS DE DISCURSO - Elemento masculino

Dimensão	Cotação	Classificação	Exemplo de discurso
Integração de Afeto Positivo e Negativo	3	Moderado	<i>"(...) não vejo assim nada de mau ou de negativo nesse aspecto."</i>
Prestação de Cuidados (Caregiving)	3	Moderado	<i>"eu tento sempre ehh antes de discutir o assunto, antes de resolver o problema ehh pensar um bocadinho antes"; "dentro do que eu, da minha experiência ao longo destes poucos anos que trabalho ehh tento sempre também dar os melhores conselhos possíveis."</i>

Procura de Cuidados (Careseeking)	3	Moderado	<i>“Exponho a situação, exponho o problema e... pergunto a opinião.”; “pondero sempre, ouço sempre a opinião, às vezes por mais descabida que seja até penso nela duas ou três vezes”)</i>
Intimidade Sexual	3	Moderado	<i>“temos bastante intimidade no dia a dia e brincadeiras um com o outro, etc... ahh acho que é uma relação perfeitamente normal”; “uma das partes não ehh não querer ehh naquele momento ou naquele dia ou ocasião ehh confesso que acontece mais com a outra parte isso, quando acontece temos é que dormir”</i>
Desenvolvimento do indivíduo vs. Desenvolvimento da relação	3	Moderado	<i>“Não somos muito iguais em termos de... temos até algumas coisas em que divergimos em termos de ideias, em termos de opiniões ehh tanto relativamente a nós como no dia a dia, mas acabamos por nos complementar”</i>
Idealização	3	Moderado	
Coerência	3	Moderado	

ANEXO 4.

CIT: ESCALAS – DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO
Afeto Positivo Diádico	<p>Avalia a reciprocidade na expressão de afeto positivo pelo casal (e.g. sorrisos, evidência de afeto físico ou verbal).</p> <p>Limite Inferior: Reciprocidade de afeto positivo praticamente ausente, ou um dos elementos do casal expressa afeto positivo que é respondido pelo Outro com afeto neutro ou negativo.</p> <p>Nível Médio: Alguma partilha de afeto positivo, podendo algumas expressões de afeto positivo ser emparelhadas com afeto neutro ou negativo pelo parceiro.</p> <p>Limite Superior: Elevada partilha de afeto positivo, sendo as expressões de afeto positivo de um dos elementos do casal consistentemente emparelhadas com afeto positivo expresso pelo Outro.</p>
Afeto Negativo Diádico	<p>Foca a reciprocidade na expressão de afeto negativo pelo casal (e.g. frustração, impaciência, desprezo, raiva e/ou hostilidade).</p> <p>Limite Inferior: As expressões de afeto negativo podem ser inexistentes, ou a existir, são emparelhadas com afeto neutro ou positivo pelo Outro.</p> <p>Nível Médio: Reciprocidade de afeto negativo, mas o conflito consegue ser contido por meio de frieza contínua entre os parceiros.</p> <p>Limite Superior: As expressões de afeto negativo manifestadas por um dos elementos do casal são repetidamente devolvidas pelo outro, entrando-se num processo de escalada em que o conseqüente conflito é um aspecto dominante da interação.</p>
Raiva	<p>Centra-se na expressão intensa e ativa de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro (e não a terceiros ou à tarefa).</p> <p>Limite Inferior: Ausência de sinais de raiva, ou a existirem, desempenham um papel insignificante na interação.</p> <p>Nível Médio: Aumento da frequência e intensidade de episódios de raiva, porém, limitados e comumente controlados.</p> <p>Limite Superior: Interação caracterizada pela raiva e por uma inadequada ou inconsistente capacidade para modular.</p>
Hostilidade	<p>Centra-se na observação de uma dinâmica fria e rejeitante que reflete desesperança e futilidade sobre a relação.</p> <p>Limite Inferior: Ausência de esforços de distanciamento ou rejeição, ou a existirem, o outro elemento da díade procura dissipar a situação.</p> <p>Nível Médio: Reciprocidade no comportamento de distanciamento e comentários dolorosos, contribuindo ambos os parceiros para o tom hostil da interação.</p> <p>Limite Superior: Interações inundadas de distanciamento mútuo, ausência de remorso e desesperança na relação ou sua melhoria.</p>
Resolução de Conflito	<p>Avalia a capacidade do casal para trabalhar em conjunto para a tomada de decisões ou resolução de conflito, conduzindo à mútua satisfação.</p> <p>Limite Inferior: Insatisfação no processo de tomada de decisão, sendo as interações restritivas e pautadas pela insensibilidade ante a perspectiva do Outro.</p> <p>Nível Médio: Moderada satisfação com o processo de resolução do conflito, com uma certa rigidez, observando-se no entanto algum esforço do casal para trabalhar em conjunto.</p> <p>Limite Superior: Ambos os elementos da díade estão satisfeitos com o processo de tomada de decisão, envolvendo colaboração e negociação de conflito.</p>

<p>Base Segura</p>	<p>Avalia o modo como os elementos do casal são capazes de recorrer ao Outro como base segura e de como tal se assumirem.</p> <p>Limite Inferior: Sujeitos funcionam como entidades separadas, sem sinais de ligação emocional.</p> <p>Nível Médio: Os elementos do casal são apenas algumas vezes capazes de funcionar como base segura para o parceiro e de a ele recorrerem.</p> <p>Limite Superior: Ambos os elementos da díade são consistentemente eficazes em constituírem-se como base segura e de recorrerem ao Outro como base segura.</p>
<p>Equilíbrio I: Assertividade <i>versus</i> Autorretraimento</p>	<p>Avalia o balanceamento entre a abertura e assertividade versus retraimento, passividade e/ou defensividade.</p> <p>Limite Inferior: Ambos os elementos do casal mostram sinais de passividade, indisponibilidade à expressão de opiniões, e/ou defensividade.</p> <p>Nível Médio: Um dos elementos do casal pode abrir-se e expressar livremente opiniões e sentimentos, enquanto o outro resiste à abertura, ou ambos os parceiros apresentam um misto de vulnerabilidade e defensividade ao longo das tarefas.</p> <p>Limite Superior: Ambos os elementos do casal revelam segurança na expressão de opiniões e sentimentos, e confiança em estar a ser ouvido.</p>
<p>Equilíbrio II: Indivíduo <i>versus</i> Relação</p>	<p>Avalia o grau pelo qual a relação nutre/promove os parceiros como indivíduos, ou, ao invés, os constrange dos seus recursos individuais.</p> <p>Limite Inferior: A interação parece limitar ou suprimir a individualidade de um ou ambos os elementos do casal, devido a emaranhamento entre ambos ou a uma dinâmica destrutiva.</p> <p>Nível Médio: A relação parece servir os indivíduos, mas apenas ocasionalmente e não de um modo prolongado.</p> <p>Limite Superior: No contexto da relação ambos os parceiros expressam a sua individualidade, contribuindo para a interação diádica.</p>
<p>Equilíbrio III: Relação <i>versus</i> Mundo</p>	<p>Avalia a capacidade da díade em manter um envolvimento ativo e competente no “trabalhar em conjunto” para completar as tarefas.</p> <p>Limite Inferior: Incapacidade do casal em completar em conjunto as tarefas estipuladas, ou a interação pode ser limitada na tentativa de o fazer.</p> <p>Nível Médio: O casal completa todas ou algumas partes das tarefas, mas o esforço inerente põe em causa a harmonia da interação.</p> <p>Limite Superior: Interação harmoniosa, com praticamente igual grau de envolvimento de cada um dos seus elementos no completar eficaz e adequadamente a tarefa.</p>
<p>Qualidade da relação</p>	<p>Avaliação holística da qualidade e profundidade da relação, não derivando de um compósito dos scores anteriores.</p> <p>Limite Inferior: Lacunas nas dimensões positivas da relação, ou presença de claros aspetos negativos (vitimização, conflito crónico e intenso, rigidez de papéis). A relação pode ser linear, vazia, ou penosa para um ou ambos os elementos.</p> <p>Nível Médio: Inúmeras combinações de alguma ausência de aspetos positivos, ou presença de alguns elementos negativos.</p> <p>Limite Superior: Relação caracterizada por cuidado recíproco, confiança e proximidade emocional, bem como por sensibilidade às necessidades e desejos do Outro, partilha profunda de experiências e sentimentos, prazer em estar com o Outro e fidelidade.</p>

ANEXO 5.

FREQUÊNCIA CARDÍACA: GRÁFICOS – VARIÂNCIA DE FC ENTRE ELEMENTOS DA DÍADE E VARIÂNCIA DE FC FACE À BASELINE

Gráfico 1. Variância de FC em cada momento de interação, comparando os elementos da díade

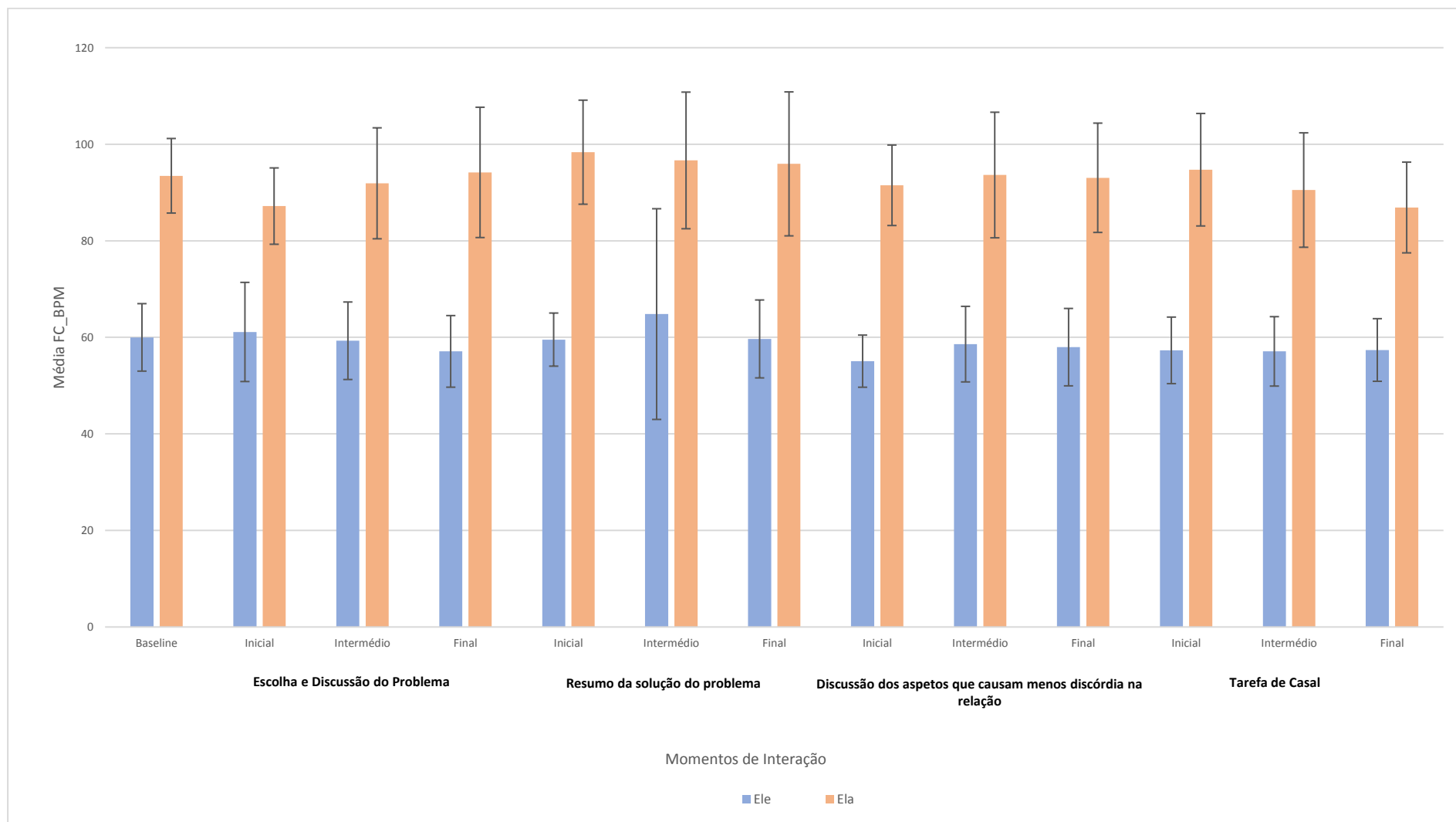


Gráfico 2. Percentagem de diferença (positiva e negativa) da FC em comparação à baseline, no momento da “**Escolha e discussão do problema**”

% de aumento ou diminuição face à <i>baseline</i>		
FC_Ajus_Escolha e discussão do problema		
	Ele	Ela
Inicial	1,866	-6,708
Intermédio	-1,166	-1,658
Final	-4,834	0,748

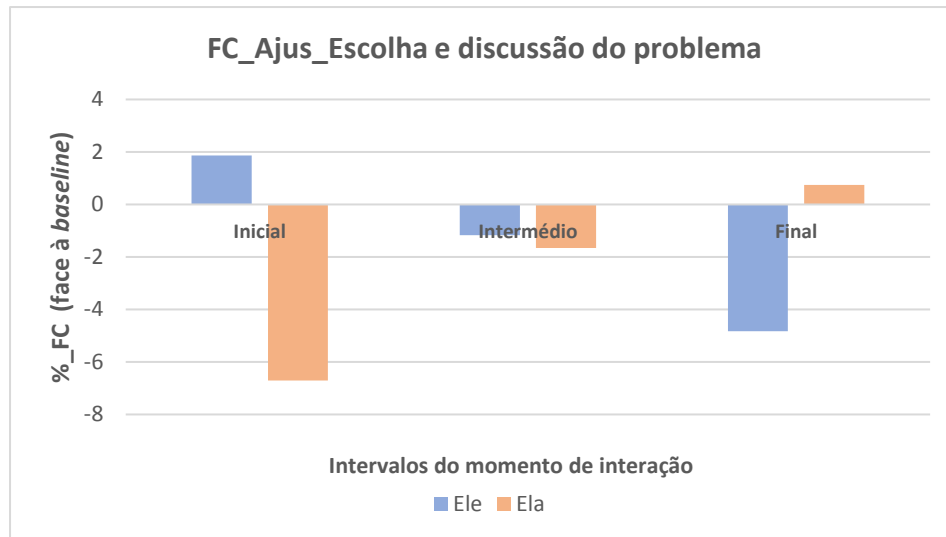


Gráfico 3. Percentagem de diferença (positiva e negativa) da FC em comparação à baseline, no momento da “**Resumo da solução do problema**”

% de aumento ou diminuição face à <i>baseline</i>		
FC_Ajus_Resumo da solução do problema		
	Ele	Ela
Inicial	-0,766	5,232
Intermédio	8,034	3,413
Final	-0,533	2,642

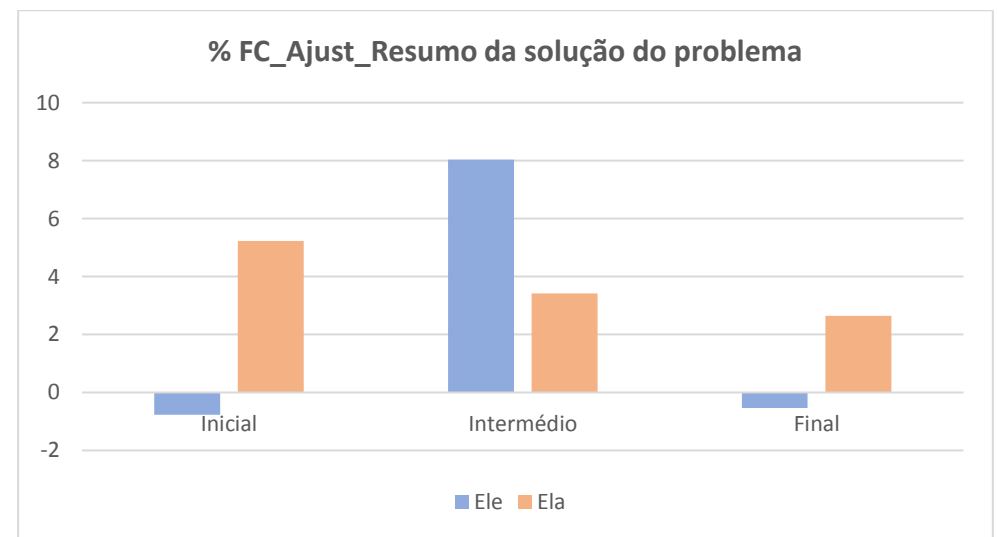


Gráfico 4. Percentagem de diferença (positiva e negativa) da FC em comparação à baseline, no momento da “**Discussão dos aspetos que causam menos discórdia na relação**”

% de aumento ou diminuição face à <i>baseline</i>		
FC_Ajus_Discussão aspetos que causem menos discórdia na relação		
	Ele	Ela
Inicial	-8,218	-2,097
Intermédio	-2,333	0,171
Final	-3,367	0,438

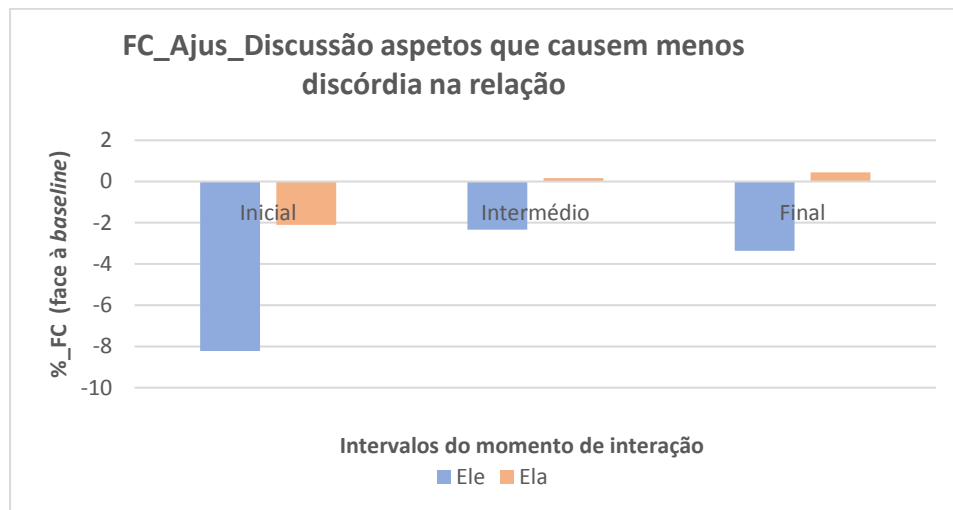


Gráfico 5. Percentagem de diferença (positiva e negativa) da FC em comparação à baseline, no momento da “**Tarefa de Casal**”.

% de aumento ou diminuição face à <i>baseline</i>		
FC_Ajus_Tarefa de casal		
	Ele	Ela
Inicial	-4,484	1,348
Intermédio	-4,834	-3,156
Final	-4,35	-7,019

